



mestrado em Arte e Design para o Espaço Público

o despertar do Titã
traçar um prolongamento afetivo do Molhe Sul
pelo coração da cidade de Matosinhos.

Rui Loureiro

dissertação e trabalho de projecto de mestrado apresentados
à Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto em
Arte e Design para o Espaço Público
2013/14

orientador Prof. Heitor Alvelos
coorientador Prof. Emílio Remelhe



img.capa: Apontamento de um pormenor do Molhe Sul, Rui Loureiro, 2014, fotografia digital.
img.verso da capa: Areia molhada na Praia Nova, Rui Loureiro, 2013, fotografia digital.

U. PORTO



FACULDADE DE BELAS ARTES
UNIVERSIDADE DO PORTO

mestrado em Arte e Design para o Espaço Público

o despertar do Titã

traçar um prolongamento afetivo do Molhe Sul pelo coração da cidade de Matosinhos

Rui Loureiro

dissertação e trabalho de projecto de mestrado apresentados

à Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto em

Arte e Design para o Espaço Público

2013/14

orientador Prof. Heitor Alvelos

coorientador Prof. Emílio Remelhe



img.1: O cantinho dos amigos da Praia Nova no Molhe Sul, Rui Loureiro, 2014, fotografia digital.

o despertar do Titã¹

traçar um prolongamento afetivo do Molhe Sul
pelo coração da cidade de Matosinhos.

¹ Este Titã, *ex-libris* da cidade de Matosinhos e peça de referência da arqueologia industrial, é o guindaste a vapor do séc. XIX que construiu o Molhe Sul do Porto de Leixões, de 1884 a 1892, tendo sido desmantelado em 2013 para obras de reabilitação.



img,2: Gancho de bóia na Praia Nova, Rui Loureiro, 2014, fotografia digital.

agradecimentos

aos meus orientadores, professor Heitor Alvelos e professor Emílio Remelhe;

à professora Gabriela Pinheiro e ao professor Miguel Costa, do MADEP;

aos meus colegas de turma;

à doutora Helena Fernandes e ao comandante Rui Cunha, da APDL;

ao professor Joel Cleto, ao vereador Fernando Rocha e à doutora Clarisse Castro, da CMM;

aos matosinhenses inquiridos, nomeadamente António Mendes, Albano Chaves, Arménio Moreira, Belmiro *Galego*, Delfim Nora, Fernando Nora, Gabriel *Gato*, Isabel Poças, Joana Rebelo, João Rebelo, José *Gato*, Manuel Freitas, Maria do Céu Viegas, Santos Gomes e Vera Roquette;

à minha família *chegada*;

aos meus amigos *reais*;

ao meu sogro Álvaro Cangalhas, que *permanece* em todos os recantos de Matosinhos;

à Rute, o meu *lugar*;

abstract

The subject of this dissertation is to investigate the possibilities of creating/resuming a relationship between place and people, individually and as a collective, by activating an affective identity of the place. It aims to identify the different relationships between people who live the city and the South Pier, analyze their crossing and common features, synthesize the strongest feelings and expectations, and share the results in a comprehensive, aggregating and creative manner. Contribute to design a place of greater proximity, creator of new route habits while branching it emotionally through the city, led by the people.

The place concerned, under study, is the South Pier of Leixões Harbor, a wall at the end of the city of Matosinhos; a body of a stone prior to the city itself. A pier that since its construction aroused different feelings and relationships. The South Pier created *this side* and the *other side*. On *this side*, public space and community, on the *other side*, private space and corporation. The pier itself seems to extend its influence as virtual border, through the city, marking a sharp drop in the skyline and a clear division in the urban map.

The field project implemented attempts to rehearse possible answers to the questions raised during the investigation, supported by the knowledge already produced in the field. Immersing in a collection and survey process in the local community, conceptualizes their main concerns, returning them in a succession of dialoguing installations on site. It is intended, therefore, to contribute in the less ephemeral way possible, to streamline efficiency in the relation between the city and the experience of its new place.

key words

Affection, relationship, place, community, embodiment, reconstruction, memory, dialogue, research, narrative, touch.

resumo

O objeto de estudo desta dissertação é a investigação das possibilidades de criar/reatar uma relação entre o lugar e as pessoas, individualmente e como coletivo, pela ativação de uma identidade afetiva desse mesmo lugar. Pretende-se conhecer as diferentes relações entre as pessoas que vivem a cidade e um determinado lugar que ela encerra, analisar o seu cruzamento e pontos comuns, sintetizar as expectativas e os sentimentos mais fortes, e, posteriormente, partilhar os resultados de uma forma abrangente, agregadora e criativa. Contribuir para projetar um lugar de maior proximidade, criador de novos hábitos de percurso e, ao mesmo tempo, fazer com que ele próprio se ramifique emocionalmente pela cidade, levado pelas pessoas.

O lugar em causa, em estudo, é o Molhe Sul do Porto de Leixões, um muro no fim da cidade de Matosinhos; uma presença de pedra anterior à própria cidade. Um molhe que, desde a sua construção, gerou diferentes sentimentos e relações. O Molhe Sul criou um *lado de cá* e um *lado de lá*. Do *lado de cá*, o espaço público, a comunidade; do *lado de lá*, o espaço privado, o corporativo. O próprio volume do Molhe parece prolongar a sua influência virtual de fronteira, cidade adentro, marcando uma quebra abrupta visível na cota da linha de construção e uma clara divisão no ordenamento do mapa urbano.

O trabalho de projeto implementado tenta ensaiar possibilidades de resposta às questões levantadas ao longo da investigação, apoiado pelo conhecimento já produzido neste campo. Imergindo num processo de levantamento e inquérito na comunidade local, concetualiza as suas principais inquietações, *devolvendo-as* numa sucessão de instalações dialogantes no local. Quer-se, assim, contribuir, de uma forma o menos efémera possível, para o agilizar da eficácia nas relações entre a cidade e a nova vivência deste seu lugar.

palavras-chave

Afeto, relação, lugar, comunidade, personificação, reconstrução, memória, diálogo, investigação, narrativa, toque.



img.3: Mexilhões no Molhe Sul, Rui Loureiro, 2014, fotografia digital.

índice

05..... agradecimentos

06..... abstract / resumo

09..... índice

13.....1.0. **sobre construção e reconstrução**

13.....1.1. um tema inquieto

15.....1.2. histórias e personagens

20.....1.3. *pontos de toque*

31.....2.0. **da personalidade do lugar**

31.....2.1. um outro caso

36.....2.2. a expressão de um sentimento

47.....3.0. **para ativar a relação**

47.....3.1. *o muro como mural*

57.....3.2. uma prova inesperada

64.....3.3. em campo

75.....4.0. **pela autonomia do legado afetivo**

75.....4.1. *sinalética de afetos*

84.....4.2. um lugar em observação paciente

89.....anexo: exposição *here > elsewhere*

93..... índice de imagens

97..... bibliografia

100..... outras publicações

102..... referências online



img.4: Cadeira vazia, Rui Loureiro, 2014, fotografia digital.

motivação redatorial

Pelas características temáticas do projeto de investigação (que atravessou conceitos como a narrativa, a personificação, os afetos, a memória individual e coletiva), pelo estilo etnográfico algo intuitivo da abordagem utilizada e pela experiência de campo que levou à implementação do trabalho no local, a construção da estrutura de escrita desta dissertação utilizou natural e conscientemente um contorno literário de forma a manter coerência semântica e estilística face ao universo narrativo onde se desenvolveu. Pretendeu-se, de qualquer forma, manter o rigor e clareza na contextualização e articulação da linguagem, com a consciência plena da sua natureza científica.

“Fala!”²

² Expressão atribuída a Michelangelo Buonarroti, que este terá dirigido à sua estátua de Moisés no momento em que a terminou (1515). Estátua que, segundo Fischer, seria também “(...) a corporificação em pedra de uma personalidade nova, auto consciente.” (Fischer, 1971: 47). “(...) the embodiment in stone of a new, self-aware personality.” (tradução livre nossa, do original inglês). Fischer, Ernst, *The Necessity of Art*, Great Britain, Penguin Books, [1963] 1971.



img.5: Vista do Titã desmantelado, Rui Loureiro, 2013, fotografia digital.

1.0. sobre construção e reconstrução

1.1. um tema inquieto

Se, por um lado, parece transparecer alguma predominância de poesia no carácter alegórico do tema apresentado no título e subtítulo desta dissertação de apoio ao Trabalho de Projeto (*o despertar do Titã - traçar um prolongamento afetivo do Molhe Sul pelo coração da cidade de Matosinhos*), por outro, a especificidade dos termos da sua localização pretende funcionar como uma primeira âncora cravada num terreno de investigação muito concreto, de modo a ser possível analisar com um sentido de orientação mais estável a envolvente de conhecimento já produzido relativamente ao assunto. Desta forma aparentemente mais objetiva, este trabalho debruça-se sobre a investigação de processos de reconstrução das relações de afetos e sentimentos que foram evoluindo entre os habitantes do que é hoje a cidade de Matosinhos e um dos seus lugares emblemáticos e que encerra em si mesmo uma multiplicidade de *faces* e *funções*: o Molhe Sul do Porto de Leixões. Numa abordagem metodológica orgânica e entrecruzada o processo de investigação parte, como base estável de trabalho, de um estudo localizado num espaço e tempo bem definidos, para em seguida se poder abrir confortavelmente ao potencial infundável das possibilidades a



img.6: Molhe Sul a dividir o lado público do lado privado, Rui Loureiro, 2014, fotografia digital.

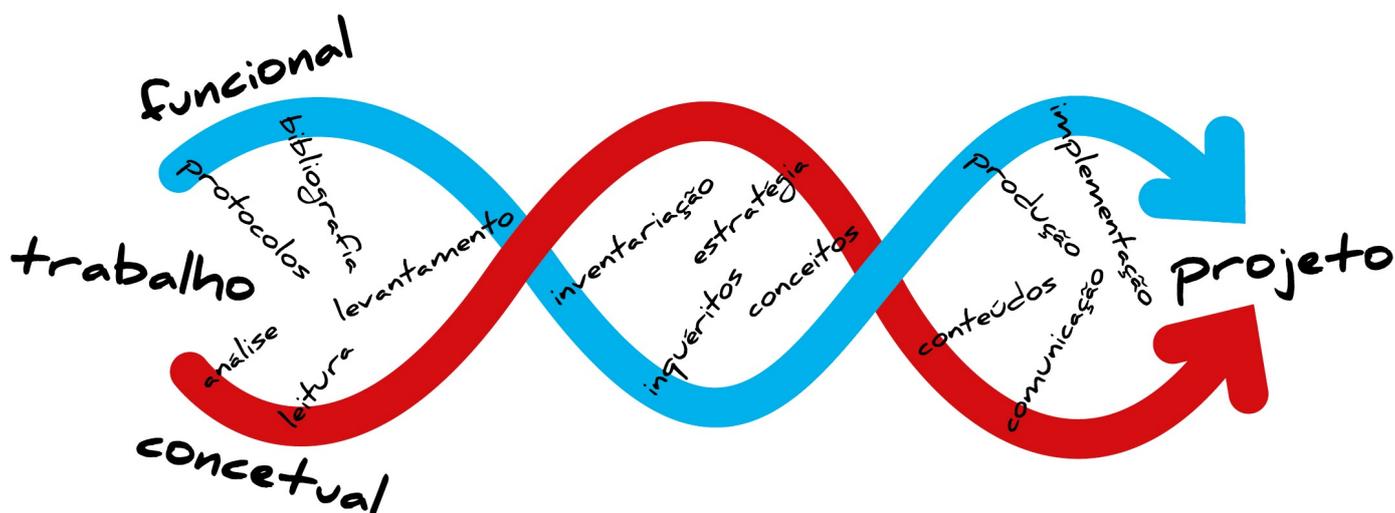
analisar, ao entrar no campo das relações e dos afetos, tentando assim ir contribuindo para uma temática mais ampla e ainda pouco abordada relativamente a este local.

O título *o despertar do Titã* insinua-se ao longo de todo o trabalho aqui apresentado, seja como facto histórico, o gigante guindaste da era industrial que constrói o Molhe Sul e é desconstruído, seja como referência memorial, o acarinhado símbolo que continua vivo na memória de uma comunidade expectante, seja como promessa de futuro, ou a esperança de voltar a participar de um lugar tão comum. O atribuir do ato vivo de *despertar* a tal objeto, reforça o propósito da personificação do lugar, conceito muito presente no decorrer desta dissertação.

Coloca-se, então, a seguinte questão:

Que processos poderão contribuir para a reconstrução de uma relação de afetos e sentimentos entre quem vive a cidade e o Molhe Sul, a partir do desvendar de vestígios preexistentes?

Mas antes mesmo de se pensar em processos de reconstrução ou em análises de afetos e sentimentos, o que é (*quem é*) este Molhe Sul que *vive* na cidade e se relaciona com ela?

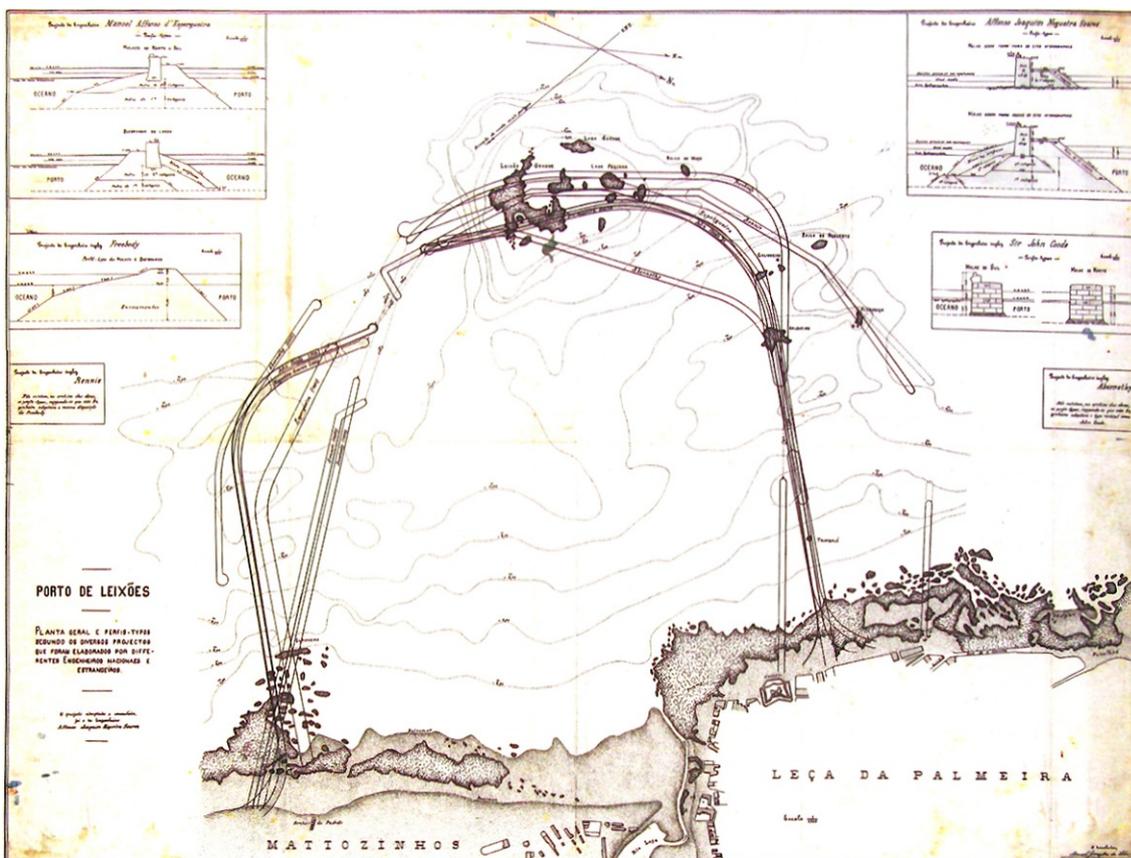


img.7: O modelo metodológico aqui exemplificado num esquema *orgânico* de conteúdos, parte de uma fase de trabalho para a implementação de um projeto, através de 2 caminhos autônomos, funcional e conceitual, que se entrelaçam em momentos necessários ao cruzamento da informação. Ao longo deste percurso vão-se definindo e estruturando os momentos necessários à coordenação e desenvolvimento do processo.

1.2. histórias e personagens

No lugar inicialmente conhecido como Bouças, de litoral extenso e horizonte largo, desagua tranquilamente o rio Leça, num estuário naturalmente protegido pelos leixões, uma linha circular de rochedos de grande escala, todos devidamente nomeados por quem lhe ficou a dever abrigo. Já António Cerqueira Pinto os descrevia em 1737 como “(...) huns escabrosos penhascos, a que chama Leixoens o vulgo; por mais que as tempestades embravecidas ostentem nelles com encapellada inchação horrorosos deliquios, nunca nelles se vio haver naufragio, antes sim seguro asylo a toda a embarcação, que de proposito encaminha o rumo a este surgidouro admiravel, para salvar-se de todo, o que de outra sorte seria infallivel estrago, e notorio perigo, conseguindo deste modo bonança na mais furiosa tormenta.” (Pinto, 1737: 14)³.

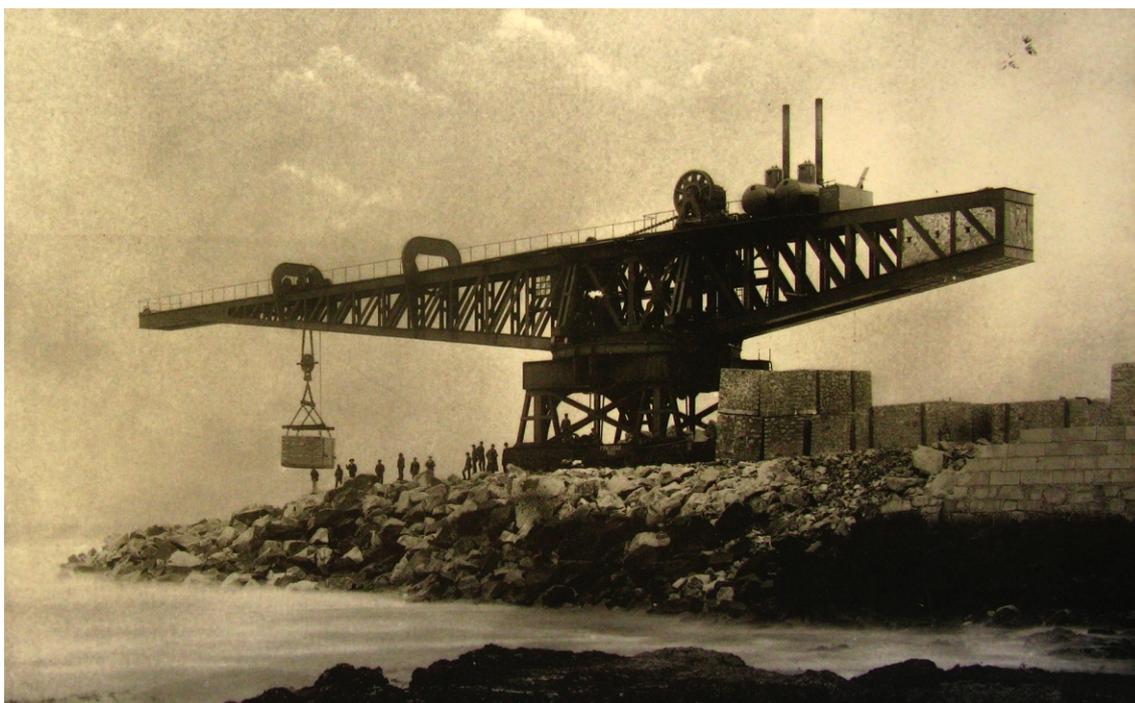
Foi este local de abrigo que acolheu em 1853 a vila de Matosinhos, com a freguesia de Leça da Palmeira do lado norte do rio e a freguesia de Matosinhos do lado sul, tendo de esperar até 1984 para se ver elevada a cidade.



img.8: Porto de Leixões. Planta Geral e Perfis-typos segundo os diversos projectos que foram elaborados por diferentes Engenheiros nacionais e estrangeiros. S/d. Arquivo da APDL.

³ Pinto, António Cerqueira, “Historia do Senhor de Matozinhos” in *Historia da Prodigiosa Imagem do Bom Jesus de Bouças*, Lisboa, Lisboa Occidental, 1737.

O projeto inevitável de um porto em Leixões, hoje considerado uma das maiores obras de engenharia em Portugal do séc. XIX, teve uma história cheia de confrontos com a teimosia da força política, comercial e industrial da burguesia portuense, e o seu desejo impraticável de manter o porto no rio Douro⁴ (Cleto, 1998: 9-12). Nas palavras do arquiteto José Salgado, “Não cabe aqui analisar todo o interessante processo da construção do porto de Leixões; em resumo, ele é bem o espelho das nossas incapacidades políticas e financeiras, mas perderíamos muito tempo e seríamos talvez masoquistas em excesso, pois tal processo arrasta-se de 1775 a 1884. Sempre são 109 anos!” (Salgado, 1986: 9)⁵.



img.9: Construção do Porto de Leixões (1884-1892). Titan movendo bloco artificial de 50 toneladas. Emílio Biel.

São finalmente construídos os dois molhes que, apoiados nos firmes leixões, vão abraçar o estuário do rio Leça, formando o Porto de Leixões. Para tamanha tarefa, são encomendados dois enormes guindastes a vapor, “Guindastes que, pelo seu aspeto colossal, de imediato foram baptizados por titãs.” (Cleto, 1998: 22). É este Titã que Oliveira Martins descreve, com assombro: “É necessário ir vê-lo para apreciar bem o que aquilo é. Imagine-se uma torre de

⁴ Como explica Joel Cleto: “Uma entrada perigosa, repleta de inúmeros e inesperados penedos, emergentes uns, encobertos outros, provocava repetidos e trágicos naufrágios. (...) Por outro lado, o facto do Douro ser um rio de grandes e cíclicas cheias, que impediam a sua navegabilidade durante largos períodos, associado à circunstância de, em contrapartida, a barra se mostrar muitas das vezes bastante assoreada nas épocas restantes, concorria para que o Douro fosse, efectivamente, um porto de grandes perigos e dificuldades para o trânsito marítimo.” Alvão, Domingos, Biel, Emílio, Cleto, Joel, *Porto de Leixões*, Porto, APDL, 1998.

⁵ Salgado, José, “Alguns aspectos da evolução urbana de Matosinhos” in *Boletim da Biblioteca Pública Municipal de Matosinhos*, Matosinhos, Câmara Municipal de Matosinhos, 1986.

ferro da altura de sete homens e por cima dela uma trave estendida do comprimento de setenta metros.

A torre dos Clérigos deitada de costas! Diante daquele monstro sente-se medo, e quando ele começa a mover-se, girando, andando e respirando... a gente experimenta não sei que sentimento de humilhação parecido ao que as formigas devem sentir vendo passar um carro de bois.” (Martins, 1885: 414)⁶.

Responsável pela construção do Molhe Sul, o Titã foi máquina de trabalho, depois, obsoleto, tornou-se símbolo local (a praia que cruzou, a do Espinheiro - nome do leixão onde se apoia - oficialmente designada como Praia Nova, é hoje vulgarmente conhecida como Praia do Titã), passou a resto de memória, por quem já não lhe conhece a origem e foi desmontado recentemente para obras de restauro. Conta voltar em breve, sendo reconstruído como monumento ou memorial, no mesmo Molhe Sul que ajudou a construir.



img.10: Google Earth, image © 2014 DigitalGlobe, pós-produzida em 2014.

Entretanto, onde antes existia um espaço amplo, uma linha de litoral contínua, um horizonte para além do rio, fechou-se um muro, nasceu um paredão de abrigo, e criou-se um local de tensões. É certo que este paredão firme quebrou o mar para unir a terra, e desse modo acelerou a cidade. Mas a sua dupla face criou inquietações. Deu-se ao público, mas mantêm-se privado. A cidade de Matosinhos cresceu até ele. Por causa dele. Agora, tudo é construído mais alto, e vê para além dele; mas nada é mais profundo. O muro da cidade foi emparedado por ela. O Titã hiberna.

⁶ Martins, Oliveira, “O Titã de Leixões” in Martins, Oliveira, *A Província: Obras completas de Oliveira Martins*, Lisboa, Guimarães Editores, [1885] 1958, pp. 414-418.



img.11: Detalhe da escultura *Monumento ao Pescador* de José João Brito, Rui Loureiro, 2013, fotografia digital.

Todo o percurso de vida do Molhe Sul foi moldado pelas pessoas que com ele se cruzaram. Os operários que o construíram, os industriais que o direcionaram, os pescadores que nele procuraram abrigo, os habitantes que a ele se chegaram, os visitantes que dele desfrutaram. Agora novas pessoas chegam à cidade, como aconteceu em finais do séc XIX⁷. Para a habitar, para a visitar, para participarem no que ela tem para oferecer, os seus lugares, as suas memórias. E o Molhe Sul tem várias palavras a escrever, num novo mapa da cidade.

Percebe-se melhor agora a multiplicidade de *faces* e *funções* atrás mencionadas: a face pública que delimita o fim da costa a norte da cidade, a face privada e institucional não acessível, o muro de abrigo ao porto de pesca e à nortada, o corredor de entrada dos cruzeiros turísticos internacionais, a fronteira entre a zona local e a zona portuária internacional. O Molhe Sul corporiza os traços de uma cicatriz, na urbe: une e marca.

Matosinhos construiu a sua história sobre lendas, sobre histórias, sobre personificações (O mercador Leixões, O Matisadinho, O Senhor da areia, As bruxas da Biquinha, Lenda do burro e da igreja, Lenda do Senhor do Padrão, etc.). E as histórias passam a fazer parte da história, pela interiorização local e pela documentação da memória.

“Palco daquela que é uma das maiores manifestações portuguesas nas quais o sagrado e o profano se confundem, esta cidade protagoniza hoje um desenvolvimento económico e urbano dos mais acentuados do país. Mas não há desenvolvimento que não esteja alicerçado numa política cultural de respeito e valorização pelas marcas e mensagens que nos chegam do Passado. Não há uma efectiva qualidade de vida para as populações se estas se sentirem

⁷ “Deste modo assistiu-se ao encontro de uma população fixa, piscatória e rural, com uma estranha, na sua maioria urbanizada, constituída por banhistas, de média permanência, e forasteiros, visitantes de um dia ou parte do dia, fenómeno que forçosamente tinha de deixar marcas quer no comportamento e mentalidade dos habitantes das duas freguesias, quer no próprio traçado urbano.” Barbosa, Isabel Maria Lago, “Matosinhos e Leça: estâncias balneares e itinerários turísticos do Porto do fim do século XIX”, in *Arquivos Histórico-Culturais de Matosinhos*, Matosinhos, Fórum Matosinhense, 1996, pp. 25.



img.12: Gradeamento provisório, Rui Loureiro, 2014, fotografia digital.

num espaço anónimo, despido de informação e História. Afinal, o desenvolvimento e um harmonioso modo de vida passa, necessariamente, pela resposta a algumas perguntas que sempre nos acompanham: Quem somos? De onde vimos? Passa, enfim, pela preservação da nossa Memória Colectiva.” (Cleto, 2007: 143)⁸.

1.3. pontos de toque

“Mas a cidade não conta o seu passado, contém-no como as linhas da mão, escrito nas esquinas das ruas, nas grades das janelas, nos corrimões das escadas, nas antenas dos pára-raios, nos postes das bandeiras, cada segmento marcado por sua vez de arranhões, riscos, cortes e entalhes.” (Calvino, 1990: 14-15)⁹



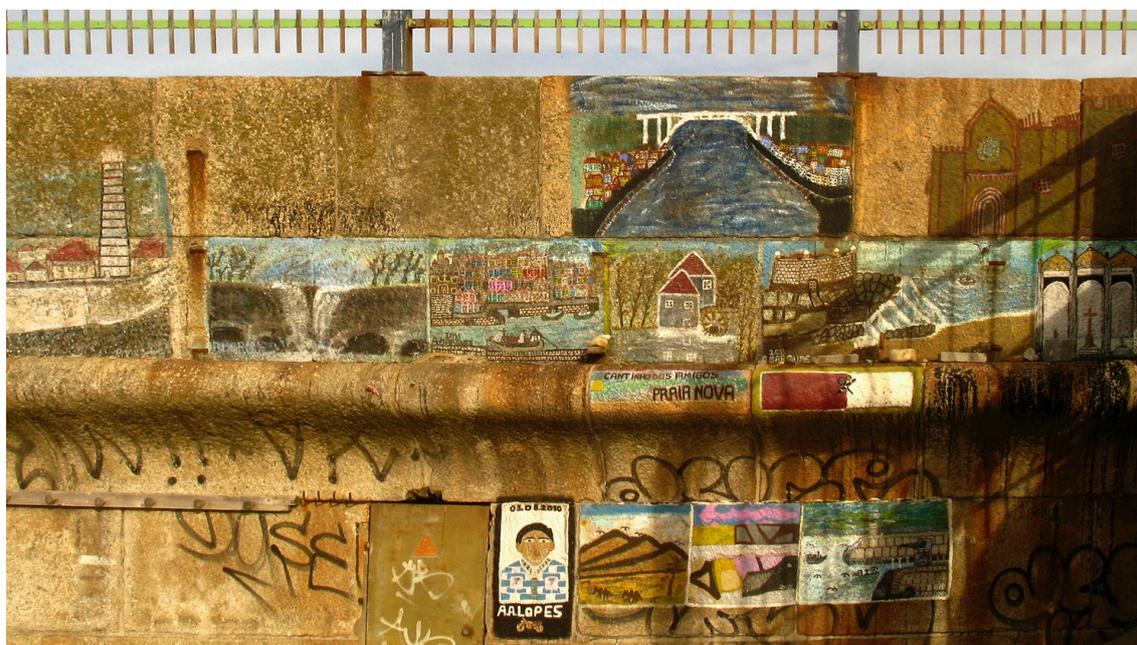
img.13: Cabides para roupa no Molhe Sul, Rui Loureiro, 2014, fotografia digital.

Nos levantamentos feitos recentemente no local, descobriram-se *pontos de toque* muito discretos e promissores que revelam a existência de ténues fios de ligação ao lugar, sejam na forma de manifestações propositadas em forma de mensagens, pinturas, desenhos e construções efémeras ou mesmo conjugações aleatórias de elementos naturais e erosões imprevisíveis, sobre os quais irá estar atenta esta investigação. Promissores, pois quanto mais subtis e dissimulados, mais ricos se revelam e reveladores de autenticidade e intenção

⁸ Cleto, Joel, *Senhor de Matosinhos - lenda, história, património*, Matosinhos, Câmara Municipal de Matosinhos & Associação para a Animação da Cidade de Matosinhos, 2007.

⁹ Calvino, Italo, *As Cidades Invisíveis*, Lisboa, Editorial Teorema, 1990.

relativamente a outras demonstrações mais ostensivas de expressão. Exemplo disso é o *cantinho dos amigos da Praia Nova*, uma zona mais resguardada do olhar, no início do areal do Molhe Sul, junto à marginal, onde se juntam diariamente alguns moradores, maioritariamente reformados, para jogar cartas, conversar e apanhar sol. Este canto encostado aos blocos do muro, protegido assim da nortada, está revestido de pinturas a acrílico, uma por bloco, como tela secular, retratando cenas várias do quotidiano, da paisagem local e do imaginário popular. Segundo o senhor Maia, o pintor local responsável, são momentos de “desanuviar a cabeça” cujo propósito é “tornar este cantinho mais acolhedor, mais parecido com a nossa casa”. Conforme observa Tuan “Ocorrências modestas podem, a seu tempo, construir um forte sentimento de lugar.” (Tuan, 1981: 143)¹⁰. Por outro lado Cresswell sugere, relativamente ao modo de tornar um espaço num lugar nosso: “Estas são as sombras do habitar passado. Este espaço anónimo tem uma história - significava algo para outras pessoas. O que se faz?”



img.14: Pinturas na face pública do Molhe Sul, Rui Loureiro, 2013, fotografia digital.

A estratégia mais comum é fazer com que o espaço diga algo sobre si. (...) E assim o espaço torna-se lugar. O seu lugar.” (Cresswell, 2004: 2)¹¹.

Numa muralha com 1.147 metros de comprimento que se funde em rochedos, que é batida pela corrosão de vagas salgadas e que finalmente se entranha em areia fina, há espaço para

¹⁰ Tuan, Yi-Fu, *Space and place: the perspective of experience*, Minneapolis, University of Minnesota Press, 1981. “Humble events can in time build up a strong sentiment for place.” (tradução livre nossa, do original inglês)

¹¹ Cresswell, Tim, *Place: A Short Introduction*, Oxford, Blackwell Publishing Ltd, 2004. “These are the hauntings of past inhabitation. This anonymous space has a history - it meant something to other people. Now what do you do? Common strategy is to make the space say something about you. (...) Thus space turned into place. Your place.” (tradução livre nossa, do original inglês)

todo o tipo de confidências e manifestações de sentimento. No entanto, pela dimensão e exposição privilegiada da sua face pública, visível de qualquer parte do passeio marítimo da cidade, o Molhe Sul é um ponto de referência, um interlocutor incontornável, seja pela afirmação poderosa da sua presença, seja pela sua capacidade de direcionar as divagações de cada um, mar adentro. Ao olhá-lo, fica-se dividido entre uma sensação de indiferença e um chamado de encorajamento. Qualquer das hipóteses implicaria o existir de uma relação, o admitir da presença mútua. A confirmar a importância de uma observação atenta Zeisel afirma que “Observar vestígios físicos significa olhar sistematicamente para a envolvente física para encontrar reflexos de atividade anterior não produzidos a fim de serem medidos por investigadores. (...) A partir de tais vestígios, os investigadores de comportamento ambiental começam a inferir sobre o modo como um ambiente se tornou assim, que decisões tomaram os seus designers e construtores sobre o lugar, como é que as pessoas realmente o usam, como se sentem em relação à sua envolvente e, na generalidade, como é que esse ambiente muito particular vai ao encontro das necessidades dos seus utilizadores.” (Zeisel, 2006: 89)¹².

O passo seguinte foi investigar este território de implementação numa perspetiva conceptual, em toda a envolvente de mar, costa, cidade e porto, utilizando o seu histórico construtivo e de sentimentos com a comunidade como ponto de partida para analisar o estado atual da relação para, ao mesmo tempo, se poder ir desenhando uma proposta de ativação do lugar.

Neste momento a entidade gestora do Porto de Leixões, a Administração dos Portos do Douro e Leixões (APDL), vive uma fase de abertura à ideia de criar novas relações com a cidade e diluir-se na trama de sentimentos dos seus participantes. Momento ideal para investigar relações e instigar novas experiências, demonstrando assim que “A integração urbana do Molhe Sul apresenta então um potencial de usos emergentes ou sub-explorados, articuláveis com um sector da cidade ainda em consolidação, e deverá aportar actividades geradoras de dinâmicas económicas e de oferta de funções urbanas mais qualificadas e diversificadas.” (APDL, 2013: folheto, lauda interior)¹³.

A face privada do Molhe Sul vai-se tornar transitável, em breve, como acesso ao novo Terminal de Cruzeiros de Leixões, à cota baixa, assim como será criado futuramente um

¹² Zeisel, John, *Inquiry by Design*, New York, WW Norton & Co, 2006. “Observing physical traces means systematically looking at physical surroundings to find reflections of previous activity not produced in order to be measured by researchers. (...) From such traces environment-behavior researchers begin to infer how an environment got to be the way it is, what decisions its designers and builders made about the place, how people actually use it, how they feel toward their surroundings, and generally how that particular environment meets the needs of its users.” (tradução livre nossa, do original inglês)

¹³ Administração dos Portos do Douro e Leixões (ed.), *folheto Terminal de Cruzeiros de Leixões*, Matosinhos, APDL, 2013.

acesso pedonal à cota alta, pelo próprio Molhe Sul, dando continuidade ao trajeto do passeio marítimo. Deste modo, um espaço de grande importância na memória e na vivência da cidade, vedado aos seus transeuntes durante anos, irá ter acesso público (com algumas condicionantes). Será então de extrema importância, como parte integrante desta proposta de trabalho e no sentido de se conseguir reconstruir a relação afetiva de todos os que vivem a cidade, habitantes e transeuntes em geral, reconhecer e reforçar uma linha de comunicação afetiva, um sentimento aspiracional, relativamente a esta nova face do Molhe Sul. Face essa que vai *completar* a tridimensionalidade do molhe, consciencializar para o corpo físico real que é este lugar. Para isso é essencial contar com o potencial emotivo pré-existente na relação atual com a face pública do Molhe.



img.15: Jogo de cartas ao abrigo do Molhe Sul, Rui Loureiro, 2014, fotografia digital.

A ter em conta, como refere Salgado, “a inevitável descaracterização que acompanha o desenvolvimento contemporâneo terá que ser contida sempre que possível, para que não se percam, em definitivo, as marcas espaciais que identificam e dão significado não só aos espaços em que nos movimentamos mas também às formas do nosso relacionamento. Matosinhos não tem grandes monumentos, nem áreas urbanas com um peso histórico comparável ao de outras vilas ou cidades deste país; é indubitável que a História mais significativa que se «lê» no seu espaço, é uma História recente. Isso não implica porém que se faça tábua rasa desse património e se transforme a cidade e o concelho num espaço anódino a indistinto semelhante a muitos outros milhares. Há que valorizar o que distingue,



img.16/17: Quadros no Molhe Sul, Rui Loureiro, 2013, fotografia digital.

o que identifica o que personaliza. Há que preservar as raízes ainda que o tronco precise amiúde de enxertos...” (Salgado, 1986: 14)

Contribuindo para a promoção do reatar dos relacionamentos com o *novo* Molhe Sul, criando assim uma maior familiaridade com o lugar, pode-se também ajudar a prevenir o impacto negativo da intensificação do fluxo de entrada de visitantes nacionais e internacionais, através do novo Terminal de Cruzeiros, que será assim compensado com a prévia apropriação afetiva desse lugar pelos cidadãos. Os cursos fluídos e rápidos do descarregar de passageiros têm de ser harmonizados com incursões contra a corrente dos habitantes que *regressam às origens*, ao lugar que criou a cidade. Caso contrário corre-se o risco de esta relação se tornar ainda mais distante e de esta face se tornar ainda mais estranha.

Barros alerta para isto dizendo que “Os habitantes de qualquer espaço de vida estabelecem relações entre si, processo esse que é concretizado num determinado quadro social, cultural e ambiental e, daí, podermos afirmar que estabelecem sistemas de interação com os ambientes cultural e natural que os cerca e, ainda, em maior ou menor grau, com os visitantes. No entanto, tem-se observado, genericamente, uma perda do controlo, por parte dos residentes, sobre o respectivo ambiente de proximidade, facto esse que tem levado alguns autores, como é o caso de Newman (1972), citado por Moser e Weiss (2003, p. 36)¹⁴, a defender a adopção de estratégias adequadas como é o caso da revitalização dos bairros, sendo introduzido o conceito de espaço defensável (“defensible space”) que tem sido aplicado, com alguma frequência, aos ambientes de proximidade.” (Barros, 2010: 143)¹⁵.

O conhecimento obtido pelo levantamento de vários *pontos de toque* do lugar sugeriu a possibilidade da existência de muitas outras ligações, mais ou menos intensas e intencionais

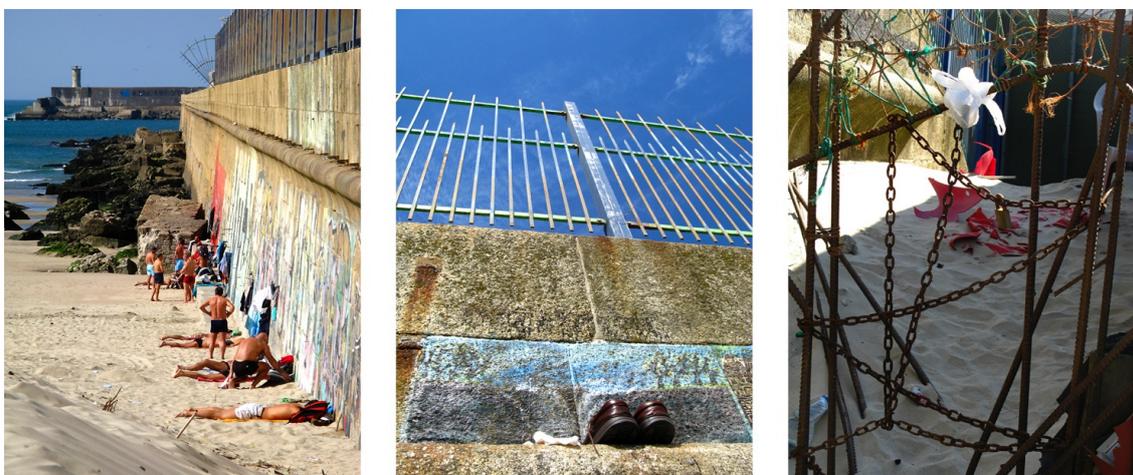
¹⁴ Moser, Gabriel, Weiss, Karine, *Espaces de Vie. Aspects de la relation homme-environnement*, Paris, Armand Colin, 2003.

¹⁵ Barros, José da Cunha, “Turismo e lazer: Sedução e cultura da diferença em espaços públicos urbanos” in Andrade, Pedro de, Marques, Carlos Almeida, Barros, José da Cunha (ed.), *Arte Pública e Cidadania: Novas leituras da cidade criativa*, Casal de Cambra, Caleidoscópio, 2010, pp. 139-152.

entre o Molhe Sul e os seus transeuntes. A proposta foi conhecê-las e usá-las como ferramenta para perceber os mecanismos de definição da *personalidade* do lugar, e poder assim articular formas de tentar responder à nova questão que se colocou:

De que forma a disseminação de experiências pessoais com o lugar pode contribuir para a definição da sua *personalidade* e conferir-lhe um sentimento agregador?

São de distâncias várias as proximidades que se medem entre os dois intervenientes desta narrativa, o ser humano e o muro. Vão desde a distância de um olhar marginal até ao sentir da textura áspera da pedra. O que não se transmite linearmente em intensidade de relacionamento. Há quem percorra regularmente a marginal da cidade e se conforte com a presença distante do Molhe, sem nunca o ter tocado, e há também quem se encoste a ele, dia após dia, sem nunca o ter sentido presente. A tomada de consciência de um espaço, por mais notório que seja, não o torna necessariamente num lugar de afinidade, termo que, segundo a definição do dicionário online Priberam.pt, no âmbito da Química, se refere à “Tendência dos corpos para se unirem.”. Da mesma forma que a maior ou menor proximidade física não corresponde à profundidade do sentimento produzido. Edward Hall



img.18/19/20: Três secções do Molhe Sul, Rui Loureiro, 2014, fotografia digital.

afirma, relativamente ao ser humano, que “A sua percepção do espaço é dinâmica porque se encontra ligada à acção - ao que pode ser realizado num dado espaço -, mais do que àquilo que pode ser visto por contemplação passiva.” (Hall, 1986: 135)¹⁶. Até os diversos modos como o Molhe Sul é verbalizado por diferentes pessoas, reforçam, implicitamente, a possibilidade da existência de uma multiplicidade de tipos de relacionamento.

¹⁶ Hall, Edward T., *A dimensão oculta*, Lisboa, Relógio d'Água, 1986.

“O que faz de todos eles lugares e não apenas um quarto, um jardim, uma cidade, uma metrópole, uma nação nova, um planeta não habitado? Uma resposta é que todos eles são espaços que as pessoas tornaram significativos. Todos eles são espaços com que as pessoas criaram uma ligação, de uma forma ou de outra. Esta é a definição mais objetiva e comum de lugar - um local significativo.” (Cresswell, 2004: 7)¹⁷. É este significado atribuído ao local que se procurou, tanto pela análise dos fragmentos de situações afetivas inventariados no trabalho de campo como no processo de contato direto com os intervenientes responsáveis por eles. São as informações recolhidas nesses momentos da investigação que foram



img.21: Conversa ao sol, Rui Loureiro, 2014, fotografia digital.

desvendando as várias faces do muro, as diferentes leituras relacionais de um mesmo lugar agregador de experiências. Como o coloca Lippard “Inerente a local está o conceito de lugar - uma porção de terra/cidade/paisagem urbana, vista de dentro, a ressonância de um local específico que é conhecido e familiar. (...) Local multifacetado repleto de histórias e memórias humanas, o lugar possui largura assim como profundidade. Refere-se a ligações, o

¹⁷ “What makes them all places and not simply a room, a garden, a town, a world city, a new nation and an inhabited planet? One answer is that they are all spaces which people have made meaningful. They are all spaces people are attached to in one way or another. This is the most straightforward and common definition of place - a meaningful location.” (tradução livre nossa, do original inglês)

que o rodeia, o que o formou, o que aconteceu lá, o que vai acontecer lá.” (Lippard, Lucy, 1997: 7)¹⁸.

Numa outra perspetiva, esta enraizada nos habitantes mais antigos da cidade, a relação com este lugar transporta contornos de um património companheiro, e “Neste sentido, o elemento determinante que define o conceito de património é a sua capacidade de representar simbolicamente uma identidade. E sendo os símbolos um veículo privilegiado de transmissão cultural, os seres humanos mantêm através destes, estreitos vínculos com o passado. O passado dá-nos um sentido de identidade, de pertença e faz-nos conscientes da nossa continuidade como pessoas através do tempo.” (Aliseda, Andrade, 2010: 108)¹⁹.

Para além da forte rede de ligações menos evidentes, registou-se um indicador factual de cariz mais popular que veio reforçar esta intenção de ligação ao lugar, assim como a vontade de conhecer o outro lado do muro, o lado privado e desconhecido: a iniciativa corporativa ‘Dia do Porto de Leixões’, promovida pela APDL desde 2009, em Matosinhos e Leça da Palmeira. Um dia em que o Porto de Leixões abre as portas ao público, integrado numa política de responsabilidade social corporativa que visa uma cada vez maior e mais adequada integração na comunidade local. Ao longo dos 5 anos em que esta iniciativa foi promovida, a adesão do público tem crescido de uma forma entusiástica. Cada evento conta normalmente com uma grande variedade de interações com os visitantes, todas elas devidamente organizadas e monitorizadas, uma vez que acontecem em espaços



img.22: Insuflável, Rui Loureiro, 2012, fotografia digital.

¹⁸ Lippard, Lucy, *The lure of the local: senses of place in a multicentered society*, New York, The New Press, 1997. “Inherent in the local is the concept of place - a portion of land/town/cityscape seen from the inside, the resonance of a specific location that is known and familiar. (...) A layered location replete with human histories and memories, place has width as well as depth. It is about connections, what surrounds it, what formed it, what happened there, what will happen there.” (tradução livre nossa, do original inglês)

¹⁹ Aliseda, Julián Mora, Andrade, Edgar Maria Gomes de, “Gestão urbana e cultural: a cidade de Lisboa” in Andrade, Pedro de, Marques, Carlos Almeida, Barros, José da Cunha (ed.), *Arte Pública e Cidadania: Novas leituras da cidade criativa*, Casal de Cambra, Caleidoscópio, 2010, pp. 103-121.

corporativos e áreas internacionais. Destacam-se como mais participadas as especialmente dirigidas à interação com a comunidade.

Em todos estes momentos de contacto e fruição, sejam eles de uma privacidade intimista ou de celebração comunitária, constata-se, como refere Lynch, que “A maioria das pessoas já viveu a experiência de estar num local muito especial e preza esse local e lamenta a privação habitual a que fica sujeita quando se afasta dele. Existe um prazer enorme em sentir o mundo: o jogo da luz, a sensação e o odor do vento, os toques, os sons, as cores, as formas. Um local bom é acessível a todos os sentidos, torna visíveis as correntes do ar, cativa as percepções dos seus habitantes. A apreciação directa da percepção vívida é ainda maior porque os locais equilibrados e identificáveis são cabides convenientes nos quais se podem pendurar as memórias, os sentimentos e os valores pessoais. A identidade de um local está intimamente ligada à identidade pessoal. A afirmação “eu estou aqui” suporta a afirmação “eu sou”.” (Lynch, Kevin, 1999: 127-128)²⁰.

²⁰ Lynch, Kevin, *A boa forma da cidade*, Lisboa, Edições 70, 1999.



img.23: Sorriso, Rui Loureiro, 2014, fotografia digital.

2.0. da personalidade do lugar

2.1. um outro caso

Sendo este trabalho de projeto, ele próprio, um caso em estudo, será interessante apresentar e analisar aqui um outro caso, passado num país e numa realidade com referências completamente diferentes, mas que teve um território concetual de atuação e ativação com referências importantes no que diz respeito à *personificação* de um lugar e à reconstrução de hábitos de partilha e percurso. Foi um projeto ativado em 2012, em Seul, na Coreia do Sul, e recebeu o nome de *Bridge of Life*.

A Coreia do Sul é o país com a maior taxa de suicídio da OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico) e tem em Seul o seu foco mais representativo desta tendência: a ponte Mapo sobre o rio Han, também conhecida como *Bridge of Death*. Do ano de 2003 ao ano de 2011 foram registados na ponte Mapo 1090 casos de suicídio. Após alguns insucessos governamentais no sentido de inverter esta tendência, foi formada uma equipa composta por autoridades locais, pela seguradora Samsung Life, pela agência de comunicação Cheil Worldwide e por um grupo de análise constituído por psicólogos e especialistas em prevenção de suicídios, no sentido de tentar resolver o problema de uma forma mais eficaz e empática.



img.24: Site Oficial do Turismo da Coreia, Vista noturna da Ponte Mapo, Seul, Coreia do Sul, s/d.

São várias as abordagens que uma situação como a dos suicídios da ponte Mapo suscita. A primordial reside claramente no drama social e humano da perda constante e voluntária de

vidas humanas - cuja análise num enquadramento psicogeográfico²¹ seria assunto para um estudo direcionado e aprofundado - e no impacto que essa prática tem no desenrolar sociológico da vida da cidade. Um outro aspeto é o de se construir um duplo mapeamento de um mesmo local integrado no espaço público da cidade, criando um conflito de ligações e de significantes: identificar o lugar com conotações afetivas adversas para o cidadão que o passa a estigmatizar, por um lado, e afirmar um traçado paralelo consensual para quem toma a decisão de se suicidar, por outro. Também muito significativos, e talvez os mais importantes no sentido de movimentar decisões políticas e económicas locais para a tomada de consciência e de posições de resolução, são os aspetos como o da projeção da imagem sócio-cultural da cidade, tanto internamente como para o exterior, o aparecimento de guetos psicológicos e as suas sequelas envolventes, e o défice económico nas contas indemnizatórias das seguradoras e nos serviços estatais de apoio social e de prevenção de suicídio. É inevitável que este último ponto tenha potenciado a associação dos intervenientes e a ativação da abordagem do marketing relacional a este projeto, tanto pela sua notoriedade e visibilidade comunicacional como pelo seu impacto económico futuro.



img.25/26: The Inspiration Room (site), Samsung Bridge of Life, 2013.

Em conjunto, todos estes cenários contribuem para uma interrupção na cidade ordenada (Miles, 2010) idealizada pelos poderes locais.

Reconhecendo a importância de um estudo aprofundado sobre as causas de taxas tão elevadas de suicídio na Coreia do Sul no acompanhamento e avaliação deste problema, é indiscutível a necessidade de se avaliarem medidas eficazes que produzam resultados práticos e imediatos na diminuição do número de casos constatados, que invertam a tendência construída e que criem uma consolidação positiva na relação com este lugar, a ponte Mapo.

Em termos de poder local foram consideradas algumas medidas standardizadas de impedimento do ato em si, como barreiras, vedações e redes anti-suicídio, todas elas

²¹ A psicogeografia, como foi definida em 1955 por Guy Debord, propunha-se estudar as leis exactas e os efeitos precisos do meio geográfico, conscientemente ordenado ou não, e a sua ação sobre as emoções e comportamento dos indivíduos.

reativas, visual e socialmente agressivas para com o desenho da cidade, sem nunca contemplarem a prevenção e, afinal, todas elas abandonadas pelos seus custos excessivos. Como refere Tait²², na Coreia do Sul o suicídio é culturalmente considerado como uma questão fechada no indivíduo, enquadramento que dificulta a aprovação e implementação de ações e programas educativos governamentais no sentido da sua prevenção.

Curiosamente, sendo uma ponte, com todas as conotações simbólicas de ligação que lhe estão associadas, tornou-se um local de rutura, de vazio, tanto emocional como social. Resolver esta situação, preencher este hiato, redesenharia o mapa físico e relacional da cidade, reforçando as estruturas de relacionamento entre os transeuntes e o seu caminhar entre margens nos momentos de partilha com o espaço público.

Assim, ao equacionar este problema, surgem algumas questões estruturais no processo de análise dos caminhos de investigação:

De que forma o lugar pode interferir no estado emocional de quem o partilha?

Na ausência do diálogo, qual a forma de o lugar despoletar uma relação?

Como pode uma ponte potenciar o momento da sua própria travessia?

Qual o modo mais eficaz de criar, nesse trajeto, uma comunicação ao mesmo tempo abrangente e direcionada?

A estratégia criativa de abordagem a esta questão foi pensada numa perspetiva preventiva, de grande abrangência e, ao mesmo tempo, muito direcionada, uma vez que o grupo em foco, sendo muito diferenciado, tinha também necessidades de comunicação muito específicas. Foi trabalhada uma comunicação criativa no sentido de se "gerar um sentimento de lugar" (Miles, 1989)²³, em tempo real, entre quem se dirige para a ponte com intenções de suicídio e a própria ponte. Sendo a ponte Mapo um local de passagem, usualmente sem grandes relações construídas, "envolver as pessoas que usam esses lugares" (Miles, 1989) num momento de diálogo reconfortante, adicionando um toque de memória com significado e associando uma relação afetiva ao novo lugar, poderia fazer a diferença no momento de tomar uma decisão mais trágica e definitiva. Construir assim "um modelo de trabalho imaginativo" (Miles, 1989) que possa "contribuir para processos de regeneração urbana" (Miles, 1989).

Em termos práticos foi criada uma instalação interativa, ao longo dos corrimões de proteção lateral da zona pedonal da ponte, com sensores pontuais que iam reagindo à passagem das pessoas. Especialmente direcionados para os momentos noturnos, estes sensores acompanhavam a travessia da ponte iluminando mensagens e imagens que comunicavam

²² Tait, Christopher, *Bridging to Life*, the 2x2 project, <http://the2x2project.org/bridging-to-life/>, 2013.

²³ Miles, Malcolm (ed.), *Art for Public Places*, Winchester, Winchester School of Art Press, 1989.

com os transeuntes, criando uma relação, despertando memórias, contando uma história que só terminaria do outro lado, em segurança, idealmente com o criar de sentimentos que transformariam a intenção inicial num passeio apaziguador. Num momento tão solitário como este, seria quase como se a ponte fosse falando com quem passa, fazendo-lhe companhia num momento tão intenso e decisivo.

O conteúdo das mensagens apresentadas, desenvolvido por uma equipa de psicólogos e especialistas em prevenção de suicídios, evitava o aviso e o carácter didático, apontando para palavras de esperança, otimismo e conforto, como por exemplo:

"Vamos caminhar juntos."

"O melhor ainda está para vir."

"Vai ver aquele que te faz falta."

"Como gostavas de ser lembrado pelos teus filhos?"

Para além destas mensagens de esperança e pensamentos positivos os sensores iluminavam também imagens de pessoas e momentos de felicidade na tentativa de despoletar memórias e criar laços.

Desde a implementação do projeto *Bridge of Life* (2012), em setembro de 2012, a taxa de suicídios na ponte Mapo reduziu uns expressivos 77%. Face a resultados positivos tão surpreendentes, está a ser estudada a sua implementação noutros locais com problemas idênticos. A ponte é, neste momento, um dos locais mais populares de passeios e caminhadas da cidade, fazendo já parte importante dos circuitos de contemplação divulgados, traduzindo assim um resgatar da urbe e reforçando a ideia de que "o espaço público não é espaço na cidade, mas a própria cidade" (Acconci, 1990: 911)²⁴.



img.27: The Inspiration Room (site), Samsung Bridge of Life, 2013.

²⁴ Acconci, Vito, "Public Space in a Private Time" in *Critical Inquiry*, vol.16, n^o4, Chicago, The University of Chicago Press, 1990, pp. 900-918.

No que diz respeito à reintegração social de pessoas com tendências suicidas, os primeiros relatórios relativos ao caso da ponte Mapo, apesar de ainda recentes, são deveras encorajadores. Estão, no entanto, em curso estudos de acompanhamento mais aprofundado para analisar o evoluir desta situação.

Na instalação deste projeto e por necessidades impostas pela situação peculiar em questão, apesar do canal de comunicação ter uma base muito virtual e de uma componente institucional estar na base da sua implementação, o potencial da presença humana implícita “interrompe a esfera indistinta da publicidade e da cultura de massas. E fá-lo em momentos que, sendo efémeros, criam um corte na rotina, ou refutam as categorias normais (como público-privado).” (Miles, 2010: 41)²⁵.

A divulgação mundial deste caso, maioritariamente pelos canais virtuais, ajudou a reforçar a consciência das possibilidades de renovação urbana pela integração de processos criativos articulados com o pulsar das vivências próprias de cada cidade. Ao mesmo tempo, a mediatização do caso *Bridge of Life* (2012) trouxe à cidade um novo fluir de visitantes exteriores à experiência em si, que poderão ser devidamente estimulados a usar o espaço público “através de percursos pedestres (pedonais), nos locais centrais, pela utilização da deriva, tendo em conta os contributos da psicogeografia, como forma de propiciar o enriquecimento das experiências” (Andrade, 2010)²⁶ e contribuir para o consolidar da experiência urbana dos próprios residentes.

Toda a euforia plenamente justificada pela eficácia do projecto não impede o cauteloso levantar de algumas questões pertinentes, numa fase de pós-avaliação dos seus resultados e relativamente ao método em si mesmo: Será que a mediatização da experiência na ponte Mapo não terá afastado os que anteriormente a procuravam com intenções de suicídio, fazendo-os dispersar por outros locais? Nessa perspetiva seria importante saber qual o evoluir dos casos de suicídio noutros pontos referenciados da cidade. Apesar das mensagens na ponte tentarem abranger os casos mais comuns, não poderão algumas delas acordar sentimentos de perda ainda maiores? A redução do número de casos de suicídio será uma tendência consolidada ou a primeira reação de uma situação nova?

Fica também no ar, ainda relativamente ao excesso de cobertura e divulgação mediática, a questão do seu impacto negativo no potenciar de situações de carácter extremamente sensível como estas. “Os média têm a capacidade de tornar o suicídio glamoroso, de tal

²⁵ Miles, Malcolm, “Clean city: urbanism, aesthetics and dissent” in Andrade, Pedro de, Marques, Carlos Almeida, Barros, José da Cunha (ed.), *Arte Pública e Cidadania: Novas leituras da cidade criativa*, Casal de Cambra, Caleidoscópio, 2010, pp. 33-43.

²⁶ Andrade, Pedro de, “Introdução” in Andrade, Pedro de, Marques, Carlos Almeida, Barros, José da Cunha (ed.), *Arte Pública e Cidadania: Novas leituras da cidade criativa*, Casal de Cambra, Caleidoscópio, 2010, pp. 13-30.

modo que os indivíduos mais vulneráveis podem ser atraídos a locais de suicídio famosos assim divulgados." (Tait, 2013).

É inegável, no entanto, a percepção da criação de uma continuidade, por muito ténue e frágil que seja, no trajeto por um lugar que se encontrava socialmente fragmentado. Será interessante analisar até que ponto esta construção de relações é percebida, pelo grupo de pessoas em foco, como sendo da responsabilidade do lugar ou de uma intervenção externa a ele, dado o carácter peculiar do momento de contato. A resposta poderá determinar, para além do modo de encarar a situação dramática em si mesma, a permanência e intensidade da relação com o lugar, as novas funções de coexistência urbana e permitir à ponte retomar a sua tarefa de elemento de ligação.

O estudo deste caso deixa antever uma certa praticabilidade na criação de relações entre pessoas e lugares, partindo de uma base mais ou menos instável pois baseada em sentimentos e afetos mais íntimos. O facto de este caso lidar com situações extremas e ainda assim conseguir estabelecer ligações abre caminho à possibilidade da assimilação do lugar como *cabide conveniente* (Lynch, 1999) onde se podem deixar, sem medos vincados, as confidências de afetos pessoais.

2.2. a expressão de um sentimento

Posicionar-se num círculo de amizades ou, pelo menos, roçar a sua periferia, entrar em campo aberto e mostrar as melhores intenções em remexer nos relacionamentos mais pessoais, usar da palavra para desfazer a estranheza de uma nova relação, são tarefas extremamente delicadas quando o propósito é atingir algo de genuíno, numa investigação. O mapear da rede de afetos, incógnitas e expressões de memória conseguidos previamente, leva à necessidade de percorrer esses trajetos e, como resultado, ao encontro com os seus produtores, ao contacto direto. À fala.

Foram ponderados alguns caminhos possíveis, nesta fase de estabelecer relacionamentos: entrevistas estruturadas, questionários escritos, registos diaristas, mas tratando esta investigação de perceber a existência de relatos e intimidades com o lugar em questão e a sua envolvente urbana, de recuperar momentos muitas vezes tão fugazes como irrefletidos, de descobrir histórias arquivadas ou até soltar ideias ainda não contempladas, entendeu-se como o método mais adequado a realização de inquéritos narrativos, "um método que usa a



img.28: Moradores junto ao posto de turismo do Molhe Sul, Rui Loureiro, 2013, fotografia digital.

recolha e o desenvolvimento de histórias quer como forma de recolha de dados, quer de estruturar um projecto de investigação.” (Bell, 2010: 29)²⁷.

A escolha deste método de recolha e reinterpretação de dados em forma de histórias contadas prendeu-se essencialmente com o tipo de informação que se quis recuperar, fortemente cravada numa herança de afetos estabelecidos e que de um modo mais rígido e formal ter-se-ia tornado consideravelmente mais custosa de conseguir. Essa informação pretendeu atingir alguns objetivos comuns aos descritos pelo projeto Manobras no Porto: “Revelar a dimensão patrimonial das narrativas pessoais e colectivas da vivência da cidade. Estimular a renovação crítica das tradições. Avivar traços genuínos, pela diluição paradoxal de fronteiras e confronto de expressões: o popular e o erudito, o tradicional e o alternativo, o doméstico e o global, a rotina e a excepção.” (Alvelos, 2013: 50)²⁸.



img.29: Pessoas e gaivotas na Praia Nova ou do Titã, Rui Loureiro, 2013, fotografia digital.

²⁷ Gray, 1998 in Bell, Judith, *Como realizar um projeto de investigação*, Lisboa, Gradiva, [1997] 2010.

²⁸ Alvelos, Heitor, *Manobras no Porto*, Porto, PortoLazer, 2013.

A característica inerente ao ser humano de contar histórias facilitou o encontro relacional na investigação e foi um bom catalisador de cumplicidade, facilitando o fluir da expressividade no decorrer dos inquéritos.



img.30: Esplanada do Titã junto, ao Molhe Sul, Rui Loureiro, 2014, fotografia digital.

De acordo com Connelly e Clandinin, “A principal razão para o uso da narrativa na investigação educativa é que os seres humanos são organismos contadores de histórias que, individual e socialmente, vivem vidas de histórias. O estudo da narrativa, portanto, é o estudo das formas como os seres humanos experienciam o mundo.” (Connelly, Clandinin, 1990: 2)²⁹.

Nesta fase de inquéritos tentou-se perceber o grau de proximidade afetiva e as histórias mais marcantes na relação de cada um com o Molhe Sul, apreender as sensibilidades que existiam sobre esse lugar e a sua face oculta e privada, conhecer as expectativas relativamente à participação e fruição livre e coletiva dos cidadãos desse percurso, ouvir as opiniões acerca do modo como encaravam a presença cada vez maior dos visitantes estrangeiros que chegam do mar pelo Terminal de Cruzeiros, para poder assim retratar, com a melhor aproximação ao real, as inquietações e expectativas que a cidade guarda para este lugar. Só então se pôde delinear uma estratégia de comunicação articulada com as conclusões do trabalho de campo, na implementação do trabalho de projeto no local.

Suscitada pela necessidade de definir uma *personalidade* do Molhe Sul, a proposta de trabalho, que partiu da observação e levantamento em campo dos *pontos de toque* de cada um sobre o lugar, um momento de grande efervescência no levantamento de questões e colocação de hipóteses, passou então por um confronto, relativamente apaziguador, ao conhecer e contactar de viva voz as pessoas produtoras desses momentos tão fortes e

²⁹ Connelly, F. Michael, Clandinin, D. Jean, “Stories of Experience and Narrative Inquiry” in *Educational Researcher*, Vol. 19, Nº 5, American Educational Research Association, 1990, pp.2-14. “The main claim for the use of narrative in educational research is that humans are storytelling organisms who, individually and socially, lead storied lives. The study of narrative, therefore, is the study of the ways humans experience the world.” (tradução livre nossa, do original inglês)



img.31: Jogo de cartas no cantinho dos amigos da Praia Nova, Molhe Sul, Rui Loureiro, 2014, fotografia digital.

compreender um pouco melhor as motivações de cada um no expressar das suas intenções. Esperava-se, assim, pela inventariação, análise e cruzamento das histórias recolhidas, poder gerar sentimentos suficientemente abrangentes de aproximação ao lugar e, pela expressão individual, chegar a um discurso comum.

“Onde antes as histórias detalharam experiências partilhadas, hoje podem ser principalmente as próprias histórias que oferecem um terreno comum.” (Lippard, 1997: 50)³⁰.

Foram os conceitos extraídos das próprias inquietações dos transeuntes que serviram como elemento de comunicação para tornar o Molhe numa confluência de manifestações dos seus intervenientes.

O âmbito definido na seleção dos inquiridos para a elaboração dos inquéritos narrativos tentou ser o mais abrangente possível, para poder ser representativo do sentir da comunidade local, tendo em conta os meios disponíveis nesta fase um pouco imprevisível de trabalho de campo. De qualquer modo, fruto da anterior investigação, observação e inventariação no terreno de grupos e pessoas, e para ser mais assertivo em termos de uma

³⁰ “Where once the stories detailed shared experiences, today it may be mostly the stories themselves that offer common ground.” (tradução livre nossa, do original inglês)

cobertura demográfica eficaz, foi dado um enfoque especial às situações de maior proximidade física e emocional ao lugar, como por exemplo a dos antigos moradores, com relações de vivência, trabalho e afetos já estabelecidos ou a dos novos habitantes, com expectativas de construção de estatuto social e alguns estigmas relativamente a um porto perturbador da sua ideia de urbanidade. Um grupo de utilizadores que poderão também ser definidos como *utilizadores extremos*, termo utilizado pelos profissionais da d.school de Stanford: “Quando observarmos e falamos com utilizadores extremos, as necessidades são ampliadas e suas alternativas são normalmente mais notáveis. (...) No entanto, as necessidades descobertas através de utilizadores extremos são muitas vezes também as necessidades de uma população mais vasta.” (d.school, 2010: 11)³¹. Foi então seleccionado um grupo de cerca de trinta pessoas, englobando ocupações e vivências tão diversas como pescadores reformados e no ativo, mecânicos, pequenos empresários, estafetas, funcionários de hotelaria, motoristas, surfistas e proprietários de escolas de surf, reformados, escritores, funcionários da lota, donos de restaurantes, pescadores desportivos, pintores, marinheiros, banheiros, motoristas de traineira, gestores portuários, engenheiros, corretores, médicos e responsáveis de associações comunitárias.



img.32: Navio de cruzeiro ancorado no Molhe Sul, Rui Loureiro, 2014, fotografia digital.

³¹ d.school, *Bootcamp Bootleg*, Stanford, d.school, 2010. “When you speak with and observe extreme users, the needs are amplified and their work-arounds are often more notable. (...) However, the needs that are uncovered through extreme users are often also needs of a wider population.” (tradução livre nossa, do original inglês)

Os inquéritos narrativos foram elaborados numa perspetiva de manter o anonimato dos inquiridos, tanto pelo carácter extremamente pessoal do evoluir das histórias partilhadas e pela sensação tranquilizadora transmitida por uma conversa mais informal, como para reforçar o protagonismo de uma visão de conjunto relativamente à auscultação particular de cada indivíduo. O papel do investigador tornou-se aqui mais delicado pois, como referem Connelly e Clandinin, “Quando nos envolvemos em inquérito narrativo o processo torna-se ainda mais complexo pois, como investigadores, tornamo-nos parte do processo. As duas narrativas, do inquirido e do investigador, tornam-se, em parte, numa partilha de construção e reconstrução da narrativa ao longo do inquérito.” (Connelly, Clandinin, 1990: 5).

Uma boa preparação nesta fase de inquéritos foi de extrema importância. O tempo dos inquiridos pode ser demasiado curto ou demasiado longo e o tempo necessário para cada encontro é sempre uma incógnita pois nunca se sabe a duração de uma boa história. As questões a colocar foram profundamente analisadas, no sentido de serem simples, diretas e eficazes, organizadas por temas para não darem origem a grandes deambulações discursivas, mas suficientemente abertas para não conduzirem a respostas esperadas. Privilegiar a fluidez da conversa e prever sempre o tempo extra que levam os muitos e inevitáveis ‘porquês’. A estrutura base do inquérito nem sempre foi seguida a rigor, pois as *viagens* da narrativa muitas vezes levavam a conversa para caminhos extraordinariamente surpreendentes e impossíveis de prever. E muitas vezes muito mais profícuos do que o esperado à partida.

De qualquer forma, os conteúdos questionados organizavam-se da seguinte forma:

- . Apresentações e introdução ao tema em estudo;
- . Identificação do inquirido (nome, idade, ocupação, morada);
- . Qual o nome dado ao lugar em questão (Molhe Sul);
- . Qual a frequência de passagem pelo local;
- . Qual a sensação transmitida ao encarar o paredão;
- . Saber dos eventuais sentimentos sobre o Titã e a sua ausência;
- . Descobrir qual o conhecimento sobre o lado privado do Molhe Sul;
- . Indagar sobre a relação pública ou privada do Molhe Sul com a cidade;
- . Quais as impressões sobre o futuro Terminal de Cruzeiros e o aumento de visitantes na cidade?
- . Quais os lugares públicos da cidade com que sente alguma afinidade;
- . Qual a declaração, se existe, que gostaria de transmitir à cidade;
- . Agradecimentos e estabelecimento de uma linha de contacto futuro;



img.33: Estrela do mar no Molhe Sul, Rui Loureiro, 2014, fotografia digital.

Os inquéritos narrativos foram conduzidos durante cerca de quatro semanas intensas, tendo cada encontro uma duração que variou entre os 30 minutos e as 2 horas, sendo mais frequentes os mais demorados, e também os mais produtivos em termos de contribuição para o conhecimento ansiado. De notar a colaboração extraordinária de alguns inquiridos, com mais tempo disponível e também mais memória para partilhar, que contavam as suas histórias em deambulações pelo local, apontando e destacando traços de presença afetiva, completamente invisíveis de outra forma que não esta.

Aos resultados destes inquéritos, captados por sistema de gravação de voz, foram posteriormente realizadas audições cuidadas para, em seguida, serem efetuadas transcrições dos seus conteúdos mais relevantes. Analisados estes conteúdos por inquirido e em conjunto, foi então feito o cruzamento da informação filtrada por essa análise, onde se delinearam os temas mais presentes da investigação e as respetivas inquietações, enumerados em seguida:

tema **Identidade:**

- . pessoas diferentes atribuem nomes diversos ao lugar, mediante a natureza da sua relação com ele;
- . há alguma insegurança relativamente ao que existe do lado de lá, não apenas o desconhecido, mas também o não-estético, o perturbador visual;

- . há um queixume recorrente, transversal à comunidade, relativo à falta de espaços verdes no passeio marítimo da cidade;
- . uma controvérsia local, entre antigos e novos frequentadores, é a nomeação da principal praia de banhos da cidade, desde sempre chamada Praia Nova, agora renomeada (com grande oposição, até porque já existe uma praia com esse nome na vizinha Leça da Palmeira) de Praia do Titã;

tema **Proteção:**

- . há a consciência do papel protetor do Molhe Sul relativamente à cidade e que esta lhe deve a tranquilidade da proteção à intempérie, especialmente ao ser notado que quanto mais a costa se afasta dele mais os danos se fazem sentir, em tempo de borrasca;
- . o Molhe Sul é, por excelência, o grande pára-vento, a ravessa da nortada, na praia;
- . o Molhe Sul marca também o fim da praia, um limite da cidade, e isso é dado muitas vezes como referência de localização entre transeuntes (“Encontramo-nos no fim da praia, junto ao Molhe.”);
- . alguns antigos frequentadores do porto referem-se ao Molhe Sul com o carinho de ‘um braço protetor’, ‘um lugar de aconchego’, e sentem-se felizes por falar dele;
- . a própria visão do Molhe Sul é, para muitos que por ali passeiam, um momento de tranquilidade, de pausa, de ânimo;

tema **Memória:**

- . logicamente mais presente nos moradores de longa data;
- . existem muitas memórias de infância e juventude, e não apenas da comunidade piscatória, uma vez que era ali que da cidade se descia para passar muitos dos momentos de lazer, de aventura e mar, de paixão e primeiros amores, de jogos infantis;
- . muito fortes também são as memórias de tragédia, dos incontáveis naufrágios e perda de vidas humanas, das tempestades destruidoras;
- . a presença das grandes guerras é ainda notada hoje, nos suportes de artilharia e das redes anti-submarinos, visíveis no extremo do Molhe Sul;
- . há ainda a memória dos comboios a vapor pela marginal, batidos pelas ondas, que levavam o carvão para alimentar os barcos a fogo, fundeados no porto;

tema **Pesca:**

- . os pescadores da faina que entram e saem da barra constantemente, vêm o Molhe Sul como marco de trabalho, os pescadores desportivos do paredão, agora impedidos de o

fazer, vêm-no com saudade e revolta, e os transeuntes curiosos que observavam tudo isto como prática de lazer, esperam um dia lá voltar;

. o peixe, antes abundante, passou por uma fase de escassez devido à má qualidade das águas do porto e agora retorna, com os novos cuidados e regulamentações que incidem nas práticas de tratamento e limpeza relacionados com as atividades portuárias;

. há espécies de aves a voltar a frequentar o Molhe Sul;

tema **Titã:**

. sempre um elemento físico de forte presença no Molhe Sul, é hoje muitas vezes mencionado com saudade e votos de regresso;

. a vontade do regresso do gigantesco guindaste é também notada (de um modo aparentemente contraditório) no modo como muitos amargamente consideram esse projeto uma mera campanha de propaganda das entidades responsáveis;

tema **Comunidade:**

. há a percepção de que o vasto areal e a segurança dos banhos é proporcionado pela proteção do Molhe;

. a saudade de gerações de comunhão familiar com o lugar está bem expressa na vontade de (voltar a) ter acesso a ele;

. mesmo para quem não tem uma história particular de partilha com o local, a vontade e o sentimento do direito de o fruir está bem patente;

. existe a consciência de que a envolvente ao Molhe Sul (praia) é maltratada nos períodos de veraneio por comunidades mais externas à cidade, ficando a sensação de que o afastamento, a distância física de quem não vive o dia-a-dia no local traduz-se proporcionalmente num maior afastamento emocional e relacional;

. há sempre uma ponta de revolta no lembrar do momento em que o Molhe Sul deixou de ter acesso público, especialmente pela incompreensão lógica de tal facto (sentimento que denota uma forte ligação ao lugar);

tema **Futuro:**

. o novo Terminal de Cruzeiros é visto como uma mais-valia económica e cultural, um bom investimento, desde que bem aproveitado e direcionado para a cidade e infra-estruturas locais;

. os visitantes são vistos com bons olhos, pelos locais, como elementos dinamizadores da economia local e potenciadores da ebulição urbana;

. relativamente ao futuro aumento no fluir de visitantes sente-se uma preocupação forte pelo pouco que a cidade oferece em termos sociais, culturais e comerciais, para quem a visita, correndo o risco de transformar o percurso da urbe num hiato ultrapassado pelas pontes lançadas diretamente para fora da cidade;

Começou assim a desenhar-se uma estrutura de ligação mais estável e promissora. Foi o próprio conteúdo das experiências de cada um que desvendou novos *pontos de toque* com as vivências dos restantes elementos da comunidade urbana, esboçando um possível retrato da personalidade do lugar através da existência de uma malha de sentimentos comuns.

Encontradas as inquietações mais fortes na relação das pessoas com o lugar e a sua envolvente urbana, foi altura de as interpretar e reconstruir, estruturando-as na forma de aforismos, sentenças concisas dadas por um muro *apaziguador*, transformando-as em momentos ativadores de comunicação.



img.34: Secção do Molhe Sul, Rui Loureiro, 2014, fotografia digital.

3.0 para ativar a relação

3.1. o muro como mural

Feita a recolha e organização dos pontos fundamentais de toda a informação documentada no desenrolar dos inquéritos narrativos, seguiu-se a fase do processamento concetual do material suscetível de ser transformado em peças de comunicação narrativa. Delineadas o que poderão ser as características mais vincadas da personalidade do Molhe Sul foi altura de ele se apresentar aos transeuntes da cidade e convocar a sua presença, reforçando a unidade deste muro.

Qual o papel que a comunicação criativa pode assumir na ativação deste processo?

“Igualmente, o artista não se preocupa simplesmente em realizar uma obra isoladamente num estúdio, para depois ser transferida para um lugar público. A palavra-chave aqui é processo. Uma obra feita para o espaço público e criada para um lugar específico, reconhece o carácter temporário e efémero da obra de arte num meio urbano público.” (Hunt, 2005: 91)³²

Segmentadas as opiniões mais comuns retiradas das histórias escutadas pelos temas mais fortes e abrangentes, procurou-se depurar o conhecimento transmitido pelos inquiridos, recontando cada história de cada tema de uma forma concisa e assertiva, mas também



img.35: Arame na praia, Rui Loureiro, 2014, fotografia digital.

³² Hunt, Jeremy, “O Princípio de Ozimandias”, in Pinheiro, Gabriela Vaz (ed.), *Curadoria do local*, Torres Vedras, Transforma AC, 2005, pp. 86-103.



img.36: Praia Nova ou do Titã, Rui Loureiro, 2014, fotografia digital.

desconcertante e afetuosa. Assim, as informações recolhidas em cada um dos sete temas - que se desenharam como os mais presentes - foram trabalhadas em detalhe, de forma a que se condensassem em aforismos onde cada palavra tivesse um papel único e essencial na sua relação com as outras e com a própria história a contar.

No sentido de reforçar a abordagem concetual narrativa de transmitir uma *personalidade* ao Molhe Sul, estas sentenças, estas histórias curtas lançadas como palavras de ordem, como tentativas de estabelecer um contato ansiado, foram ditas na primeira pessoa, na pessoa do Molhe, como que proferidas por ele. Foi do Molhe Sul que estas incitações chegaram. Uma circum-navegação dos sentimentos expressos pelos inquiridos, que voltaram à sua presença pela voz de um lugar. Num discurso acessível a toda a comunidade, pois foi trazido por ela, os cidadãos confrontaram-se com algumas das suas histórias - que notam também ser as de outros - ligadas a um lugar que, possivelmente, tinha estado adormecido ou inconsciente. O que não deixa de ser um dos objetivos das intervenções sítio-específicas, como refere Miwon Kwon: “Mas um objectivo central da sítio-especificidade baseada na comunidade é a criação de uma obra em que os membros de uma comunidade - simultaneamente como visionadores/espectadores, audiência, público e sujeitos referenciais - ver-se-ão e reconhecer-se-ão na obra, não tanto no sentido de estarem implicados de uma forma crítica, mas ao serem afirmativamente retratados ou validados.” (Kwon, 2002: 95)³³

Foram então definidos os seguintes aforismos:

(tema Identidade)

MOLHE, CAIS, PICO E PAREDÃO. ABRAÇO TODOS.

. moradores, pescadores, surfistas e cidadãos em geral usam termos diversos para nomear o mesmo lugar; o braço de pedra envolvente do Molhe Sul assume e agrega-os a todos num mesmo lugar;

(tema Proteção)

RASGO O MAR, UNO A TERRA.

. um tema consensual e muito presente (especialmente depois da destruição costeira causada pelo mar em janeiro de 2014), é usado aqui para reforçar a união e o consenso *em terra* da possível imagem de divisão do muro;

³³ Kwon, Miwon, *One Place After Another: site-specific art and locational identity*, Cambridge, The MIT Press, 2002. “But a central objective of community-based site specificity is the creation of a work in which members of a community—as simultaneously viewer/spectator, audience, public, and referential subject—will see and recognize themselves in the work, not so much in the sense of being critically implicated but of being affirmatively pictured or validated.” (tradução livre nossa, do original inglês)

(tema Memória)

CAMINHO DO PASSEIO ALEGRE, 44.

. duas memórias fortíssimas em certas gerações de moradores, sempre transmitidas com um grande sentimento de exultação e saudade ligados à juventude; da marca '44' existente em tempos no Molhe Sul, descia-se para o 'passeio alegre' (uma área de rocha lisa que apoia e ladeia o paredão junto à água) para pescar, namorar ou brincar; assim como a 'lingueta', uma rampa do lado 'de dentro' do Molhe Sul onde os barcos acostavam, servia de escorrega para os miúdos deslizarem até à água em caixas de sardinhas untadas a gordura e tripas;

(tema Pesca)

FUI COSIDO AO MAR, A FIO DE PESCA.

JÁ SINTO CARDUMES NAS PEDRAS.

. duas perspectivas, da pesca e do peixe, uma desaparecida a outra a aparecer; o Molhe Sul foi pesqueiro de lazer (agora proibido, com muita mágoa dos desportistas) e desenhava um bordado de linhas a toda a volta, como um Gulliver tranqüilo; por outro lado, devido às boas práticas de limpeza do porto, os cardumes de peixes estão a voltar às rochas do Molhe;

(tema Titã)

O TITÃ VAI ACORDAR, COM UMA FOME DE PEDRA.

. o simbólico Titã, depois de anos a alimentar as águas com monumentais blocos de pedra, na construção do Molhe Sul, vai regressar da sua hibernação forçada (para gáudio de todos) com uma enorme fome de pedra, com uma grande vontade de cravar os dentes na rocha, desta vez, espera-se, para sempre;

(tema Comunidade)

DOU-VOS ESTE AREAL IMENSO.

TODOS AO MOLHE!

. a preservação da praia (tema especialmente delicado nos meses de verão), manter o legado de um areal imenso e seguro, mar adentro, trazido pela proteção do Molhe Sul, uma oferta simples carregada de responsabilidade é transmitida em discurso direto; 'todos ao molhe!' é a capitalização de uma abordagem mais popular, ao sabor de palavra de ordem, de mobilização das gentes, convenientemente adaptada ao lugar em questão;

(tema Futuro)

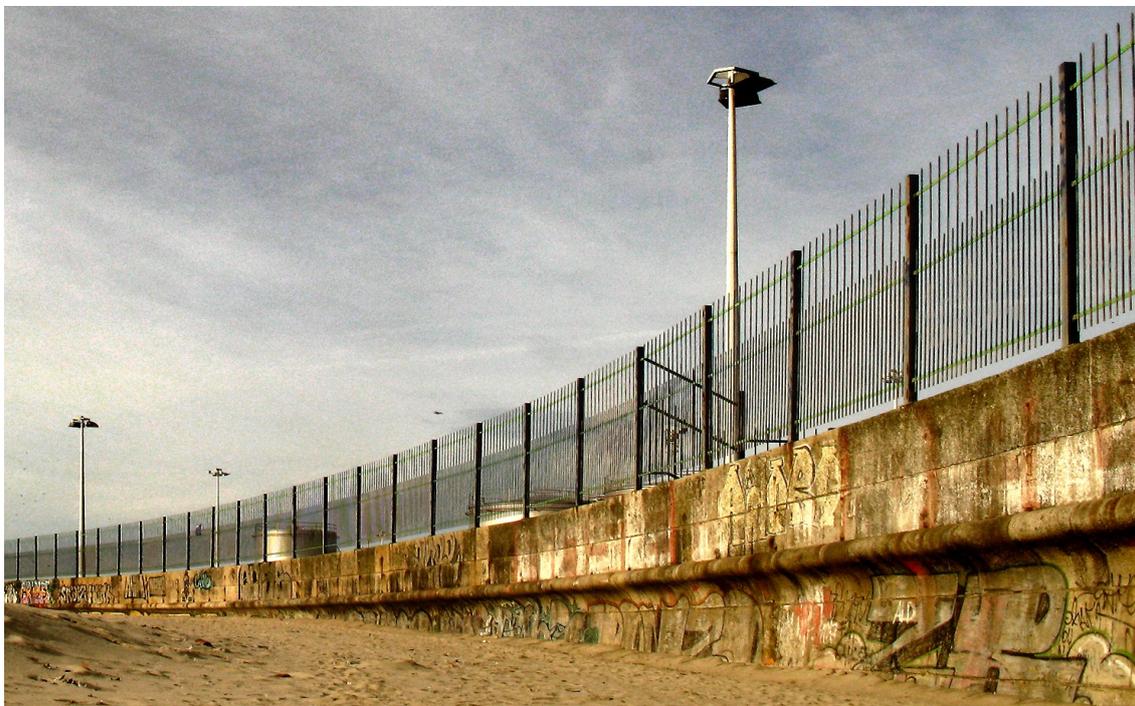
PARA O DIA DE AMANHÃ, TUDO ISTO É PEQUENO.

. reinterpretação de uma expressão popular transmitida por um dos inquiridos, no contexto da evolução nas relações entre pessoas e locais, mostra o efémero do que é pensado hoje relativamente ao descoberto amanhã, a consciência do relativo da dimensão atual das coisas e também, numa perspetiva mais reconfortante relativamente ao que aqui se pretende alcançar, a determinação otimista de que a futura expansão das ligações afetivas a um lugar tão extenso o tornará mais próximo, encurtando-se as distâncias que nos separam dele, e mais acolhedor;

Estes aforismos, mais do que um filtrar das inquietações apuradas na comunidade, são um manifesto do próprio projeto, uma construção de imagens mentais e ideias de cidade e de lugar contadas como histórias, pretendendo despertar caminhos.

Foi, então, altura de pôr o Molhe Sul *a falar*, tal como o quis Michelangelo para a sua estátua de Moisés. A falar com todos os transeuntes da cidade, confrontando-os com as suas próprias expectativas, espelhando o episódio de um como a história de muitos, projetando um sentimento comum de cumplicidade e aproximação.

Uma intenção, um projeto, a que chamamos *o muro como mural*.



img.37: Secção do Molhe Sul, Rui Loureiro, 2013, fotografia digital.

Numa alegoria física desafiadora, foi feita uma transposição da estrutura de comunicação do mundo virtual das redes sociais online para a realidade estrutural do local, através de um

dispositivo de exposição popular e singular das peças de narrativa resultantes do processo de reinterpretação anterior que tomam aqui a forma de histórias, mensagens, declarações, interpelações. *o muro como mural* foi o trabalho de projeto que se propôs ativar em campo a *personalidade* do Molhe Sul, contribuindo assim para reconstruir a relação afetiva deste com a cidade. Foi um trabalho de projeto implementado como um *teaser* à futura permanência deste espaço como trajeto público dos seus participantes. Um catalisador de vozes e vontades que de outro modo não chegariam tão longe nem tão rápido. Um espelho comum. Encontra-se aqui um paralelo com as considerações de Kwon sobre as esculturas figurativas de John Ahearn: “Neste caso, o site não é simplesmente uma localização geográfica ou uma configuração arquitetónica mas uma rede de relações sociais, uma comunidade, e o artista e os seus patrocinadores imaginam a obra de arte como uma extensão integrante da comunidade, em vez de uma contribuição intrusiva de qualquer outra parte.” (Kwon, 2002: 6)³⁴.

Na sua face pública, junto à praia e ao passeio marítimo, a secção do Molhe Sul que vai, sensivelmente, desde a linha de água (em maré cheia) até ao início da marginal, é encimada por um gradeamento de secção regular, que reforça o impedimento da transposição do lado público para o privado, apesar de o próprio muro já ser demasiado alto. Foi exatamente este gradeamento no muro que funcionou como grelha de suporte ao texto das frases. A barreira construída para impedir a passagem, tornou-se o suporte da abertura à comunicação. Foi pelo reinventar das grades que se reativou a partilha. A altura e abrangência de localização desta área de suporte conferiu à iniciativa uma visibilidade notável tanto do mar como da praia e da zona costeira da cidade, sem se tornar, no entanto, num pedestal concetualmente inatingível.

“Os média realmente revolucionários durante maio foram as paredes e seu discurso, os cartazes serigráficos e os avisos pintados à mão, a rua onde o discurso começou e foi trocado - tudo o que foi uma inscrição imediata, dado e devolvido, falado e respondido, móvel no mesmo espaço e tempo, recíproco e antagónico.” (Baudrillard, 1981: 176)³⁵

Em termos práticos da implementação do projeto, as palavras foram aplicadas ao gradeamento pela face privada, mantendo assim uma maior garantia de permanência relativamente a qualquer tentativa de vandalismo ao mesmo tempo que utilizaram as grades

³⁴ “In this case, the site is not simply a geographical location or architectural setting but a network of social relations, a community, and the artist and his sponsors envision the art work as an integral extension of the community rather than an intrusive contribution from elsewhere.” (tradução livre nossa, do original inglês)

³⁵ Baudrillard, Jean, *For a critique of the political economy of the sign*, New York, Telos Press, 1981. “The real revolutionary media during May were the walls and their speech, the silk-screen posters and the hand-painted notices the street where speech began and was exchanged - everything that was an immediate inscription, given and returned, spoken and answered, mobile in the same space and time, reciprocal and antagonistic.” (tradução livre nossa, do original inglês)

como apoio e defesa relativamente à usual nortada forte que as atinge pelas costas. Aqui não se colocou a questão de perda de legibilidade das palavras por serem presas atrás das grades, uma vez que as letras têm uma espessura muito superior à das barras do gradeamento e também pela sua cor vermelha em oposição ao cinza descolorado do metal. As letras aplicadas foram construídas com materiais residuais das obras de construção do Terminal de Cruzeiros (tubo corrugado), gentilmente cedidos pelas entidades responsáveis e recolhidos no local, reutilizados aqui - antes da sua reciclagem - numa reinterpretação de um desperdício descaracterizado no sentido de aumentar o potencial afetivo real e de integração eficaz da ação. As frases foram colocadas e mudadas regularmente, ao longo dos meses de maior afluência a esta zona litoral da cidade, sendo feito um registo regular da sua montagem e desmontagem, assim como das reações e leituras por parte da comunidade de observadores. O despoletar regular de sentimentos pela ação de cada história contada, o seu encadeamento emocional constante, tornou-se um propósito mais forte e mais importante do que cada peça de comunicação narrativa aplicada, efémera e descartável; o que se pretende que permaneça é um traçado afetivo de ligação ao lugar, nos mapas futuros pessoais. “Enquanto demora tempo para criar uma ligação ao lugar, a qualidade e a intensidade da experiência são mais importantes do que a simples duração.” (Tuan, 1981: 198)³⁶.

No desenvolvimento e concetualização desta estratégia de comunicação foi aproveitada a experiência em projetos anteriores, testados em atelier e em campo, de tentativas de criação de interrupções na narrativa urbana e de criação de relacionamentos afetivos entre objetos e locais, e os transeuntes das cidades do Porto e de Lisboa.

projeto **MANIFESTO!**:



img.38: Pintura na fachada de Alcântara - Magnética Magazine, Rui Loureiro, fotografia digital, Lisboa, 2011.

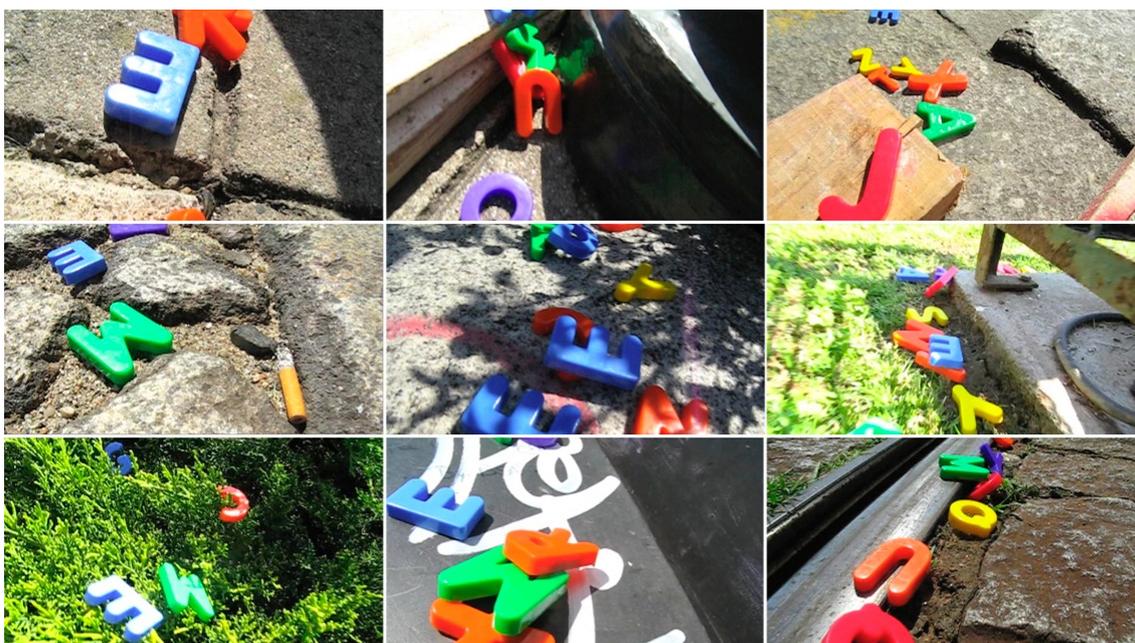
³⁶ “While it takes time to form an attachment to place, the quality and intensity of experience matters more than simple duration.” (tradução livre nossa, do original inglês)

Um projecto de escrita criativa na vertente de Poesia Urbana lançado pela Magnética Magazine, em coorganização com a Divisão de Bibliotecas e a Galeria de Arte Urbana da C.M.Lisboa, em 2011; o trabalho, *A PALAVRA ENCOSTA À PAREDE*, que agora se inscreve na paisagem urbana da cidade de Lisboa, na zona de Alcântara, foi também seleccionado para a capa do número 29 da revista.

projeto **22 dias úteis**:



img.39: Exposição 22 dias úteis – episódio 2, Rui Loureiro, fotogramas do filme, Porto, 2012.



img.40: Exposição 22 dias úteis – episódio 3, Rui Loureiro, fotogramas do filme, Porto, 2012.



img.41: Exposição 22 dias úteis – episódio 3, Rui Loureiro, fotogramas do filme, Porto, 2012.

O projeto/blog 22 dias úteis é o resultado das relações entre imagens e histórias, desmontadas pelo vício da concetualização, onde se usa a viagem como processo e ferramenta. Uma viagem que leva cada vez para mais longe daquele sítio onde as ideias insistem em preguiçar. Uma viagem que, muito mais do que vencer uma distância, ultrapassa um imaginário desenfreado. Muitas vezes longe, outras mais perto; inúmeras, pelo interior. Um blog onde as imagens que mais contam, contam histórias desmontáveis. São foto-novelas, contos induzidos, imagens apalavradas, altas definições, curtas cartografadas.

Recentemente este projeto avançou para uma exposição. Uma exposição em galeria como extensão do blog www.22diasuteis.blogspot.com. Numa fase *teaser* de comunicação do evento foram criados filmes concetuais, seis episódios de uma série, divulgados via email e Facebook; em cada episódio as palavras e as imagens iam viajando pela cidade, enquanto se aproximavam do local da exposição cujo conceito era “Com o direito a 22 dias úteis, vem o dever de os tornar extraordinários”.

O projeto *o muro como mural* foi de implementação intencional e exclusivamente local e física. Apesar da sua alegoria ao virtual, não se pretendeu, propositadamente, replicar este canal na internet uma vez que a intenção passou pela existência de uma experiência vivenciada no local, pela dimensão física do espaço envolvente, pela comunhão de interesses

e reações e por ser *ao vivo* e pelas características do local e do tempo disponível com que nos encontramos nele, que se pode ter uma maior relação tempo-consciência de análise e fruição na apreensão das histórias contadas. Esta confluência essencial de estímulos envolventes ao ser que observa (e é observado) vai ao encontro da opinião de Edward Hall quando este diz que “O homem e as suas extensões não constituem senão um único e mesmo sistema. É um erro monumental tratar o homem à parte, como se ele constituísse uma realidade distinta da sua habitação, das suas cidades, da sua tecnologia ou da sua linguagem.” (Hall, 1986: 213).

Pelas intervenções efetuadas, pelo convergir de expectativas, pretendeu-se contribuir para que este volte a ser um *lugar comum*, na relação que tem com cada um. E um *lugar comum* pode ser algo de verdadeiramente extraordinário.

3.2. uma prova inesperada

“A praia como que arqueou uma espinha dorsal. Imaginem-se meia dúzia de pastores berberes - quase não os vemos de tão dissimulados que são - a encaminharem uma fiada longa de indolentes dromedários. Bossas e corcovas, corcovas e bossas. O horizonte ficou todo desalinhado. O mar, qual castor cauteloso, empurrava em direção à praia todo o tipo de galhos, recipientes e redes, tentando criar um dique ao topete das dunas.

Os montículos de areia pareciam intransponíveis para os olhos cansados de quem os observava da esplanada. Mas não para as crianças. Cansadas de ver os seus escorregas com a distância de uma perna, os baloiços asfixiados a esbracejar as correntes, os cavalinhos do balancé como pequenos monstros do Loch, trepavam pela falsidade destas dunas e lançavam-lhes arpões, ao longo dos seus costados. Era admirável ver estes pequenos heróis resolutos, tão seguros da sua praia, do seu lugar. Inquietos e nunca quietos, como tudo deveria ser.” (Loureiro, 2014: post)³⁷



img.42: Alerta laranja, Rui Loureiro, 2014, fotografia digital.

No decorrer do processo de investigação, mais exatamente pelo início do mês de janeiro de 2014, aconteceram por quase toda a costa norte do país uma série de eventos inesperados que, malgrado os seus efeitos negativos no relevo da costa e na economia da região, se tornaram de grande interesse, especialmente quando observados e analisados na perspetiva e na área objeto de estudo deste trabalho de projeto.

As fortes tempestades que se fizeram sentir aliadas a marés surpreendentemente grandes levaram ao rubro os alertas à população e desalinham toda a linha costeira. De uma forma particularmente intensa a agitação marítima redesenhou a topografia local, criando dunas em praias planas, destruindo uns equipamentos públicos e soterrando outros, trazendo à costa elementos de outras paragens há muito esquecidos no mar, ao mesmo tempo que conferia um novo traçado à orla costeira da cidade pela ação modeladora dos avanços do

³⁷ 22 dias úteis, Rui Loureiro, <http://www.22diasuteis.blogspot.pt>, post de 20/03/2014.

areal. Praticamente de um dia para o outro os transeuntes da cidade encontraram-se numa nova camada de trajetos inexplorados, onde antes se traçavam os seus percursos habituais. O próprio Molhe Sul viu-se acedido por uma monumental rampa de acesso em areia que o tornava, por instantes, num mirante involuntário da sua face privada. A sua zona envolvente logo foi preenchida por caminhantes e exploradores dos novos caminhos. Os relevos recém-criados rapidamente se encheram de marcos geodésicos improvisados e pelourinhos de galhos entrelaçados. Recoletores urbanos percorreram a miríade dos objetos estranhos que se perfilavam numa Praia verdadeiramente Nova, guardando recordações de um lugar inexplorado, tantas vezes percorrido. “A territorialidade existe também entre os seres humanos, que inventaram numerosas maneiras de defenderem aquilo a que chamam a sua terra, o seu solo ou o seu espaço.” (Hall, 1986: 22).

A observação atenta e continuada destas movimentações imprevisíveis, o registo e a inventariação destes relacionamentos, foram momentos que, apesar de não programados, se revestiram de uma grande importância no decorrer deste trabalho de investigação, como é notado aqui por Zeisel: “Observar o comportamento em ambientes físicos gera dados sobre as atividades das pessoas e os relacionamentos necessários para as sustentar; sobre as regularidades do comportamento; sobre utilizações esperadas, novas utilizações, e abusos de um lugar; e sobre as oportunidades de comportamentos e restrições que os ambientes oferecem.” (Zeisel, 2006: 111)³⁸.

Aqui se levantaram novas questões de suporte à temática abordada assim como foram suscitadas algumas expectativas mais fortes relativamente ao proposto neste projeto. Que tipo de sentimentos (protetores?) terão despertado os recentes desaires nas práticas de partilha dos cidadãos relativamente ao lugar? Que chamada de atenção pode o lugar fazer, para se tornar mais notado, mais fruído, até mais acarinhado? Não há dúvida que a comunidade não ficou indiferente ao sucedido, muito para além do impacto trágico deste tipo de eventos, notando-se um subtil reclamar do lugar, um sentimento de defesa, uma tentativa de personalização e de afirmação pública da sua relação com ele, um redescobrir de sentimentos e até o esboçar de uma tentativa de confluir, como grupo, numa partilha comum. Durante esse período foram elaborados registos fotográficos, não numa perspetiva diarista, mas de documentação dos detalhes mais significativos e marcantes desses momentos distantes e magnéticos de abandono e comunhão.

³⁸ “Observing behavior in physical settings generates data about people’s activities and the relationships needed to sustain them; about regularities of behavior; about expected uses, new uses, and misuses of a place; and about behavioral opportunities and constraints that environments provide.” (tradução livre nossa, do original inglês)



img.43: Cavalinho, Rui Loureiro, 2014, fotografia digital.

img.44: Esplanada do Titã, Rui Loureiro, 2014, fotografia digital.

img.45: Serviços balneares, Rui Loureiro, 2014, fotografia digital.



img.46: Bastião, Rui Loureiro, 2014, fotografia digital.

img.47: Esplanada, Rui Loureiro, 2014, fotografia digital.



img.48: Dunas personalizadas, Rui Loureiro, 2014, fotografia digital.

img.49: Parque infantil, Rui Loureiro, 2014, fotografia digital.

img.50: Esplanada, Rui Loureiro, 2014, fotografia digital.



img.51: Escavadora, Rui Loureiro, 2014, fotografia digital.
img.52: Marcas no areal, Rui Loureiro, 2014, fotografia digital.
img.53: Cruz popular, Rui Loureiro, 2014, fotografia digital.



img.54: Obras, Rui Loureiro, 2014, fotografia digital.

img.55: Chuva de areia, Rui Loureiro, 2014, fotografia digital.

img.56: Esculturas, Rui Loureiro, 2014, fotografia digital.

3.3. em campo

O processo de *dar voz* ao Molhe Sul pela implementação do trabalho de projeto *o muro como mural*, passou por uma fase prévia de preparação cuidada da logística necessária à sua concretização. Inicialmente, e uma vez que as frases seriam construídas e instaladas em local privado, internacional e de alta segurança, foi necessário o consenso da Divisão Comercial, Marketing e Cooperação e da Direcção de Operações Portuárias e Segurança, da APDL, no sentido de obter um livre-trânsito pelo período necessário à implementação do projeto, assim como uma autorização especial do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras. Ultrapassada a fase do acesso ao local, foi feita uma inventariação do material necessário à



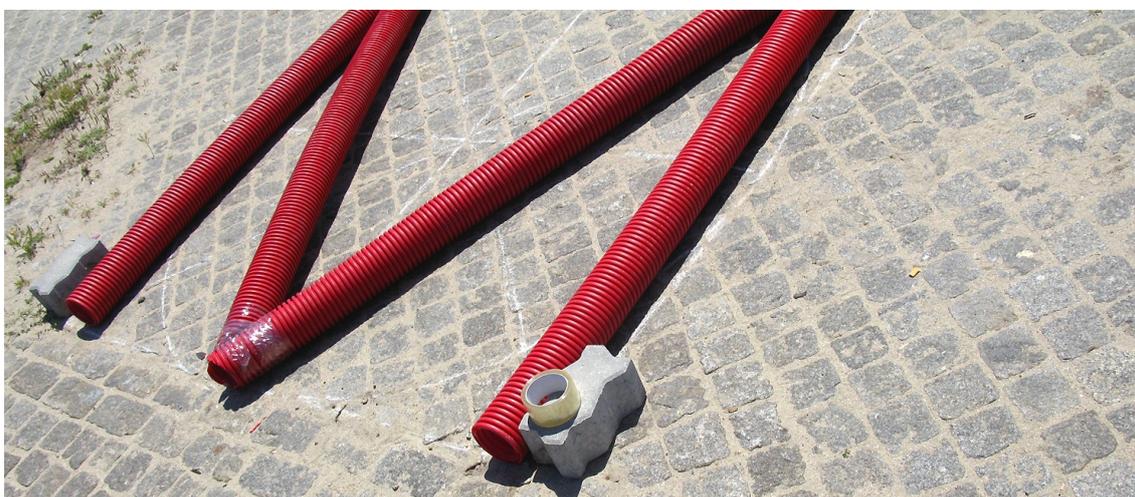
img.57: Tubo corrugado, Rui Loureiro, 2014, fotografia digital.

construção e montagem dos caracteres usados nas frases. Foram cedidos pelos responsáveis das obras do novo terminal de cruzeiros cerca de 250 metros de tubo corrugado vermelho de 110 mm para a construção dos 57 caracteres que compõe as 9 frases, para além de algumas dezenas de rolos de fita-cola larga de embalagem e várias centenas de abraçadeiras plásticas. A utilização de materiais leves, resistentes e recicláveis, foi considerada a mais indicada, dentro das circunstâncias, uma vez que estes não sobrecarregam o gradeamento de implantação das frases, são adequados a um local junto ao mar, com todas as suas influências de humidade e corrosão inerentes e serão reaproveitados, terminado o projeto. Todas estas características também contribuíram para simplificar o processo construtivo - executado por uma única pessoa - e respeitaram rigorosamente as diretrizes da Direcção de Operações Portuárias e Segurança, uma vez que

junto ao local de implantação do projeto ainda passam várias condutas de substâncias altamente inflamáveis, parte integrante dos processos de funcionamento deste porto de mar.

O cronograma de implantação do trabalho de projeto contemplou o início dos trabalhos de montagem das frases em meados do mês de junho, renovando-se estas a cada semana até finais de agosto. Manteve-se, assim, um ritmo de leitura e associação regular das diferentes fases da comunicação, ao mesmo tempo que se aproveitou o impacto da afluência mais forte, a cada fim de semana, ao local.

De extrema importância foi também o trabalho prévio de cálculo, integrando o material cedido (tubo corrugado) com as secções modulares de maior visibilidade do imenso espaço disponível do gradeamento do Molhe Sul. Sendo a altura definida para todos os caracteres de 1,80 metros, o comprimento das frases variou entre os 30 e os 62 metros.



img.58: Montagem de uma letra, Rui Loureiro, 2014, fotografia digital.

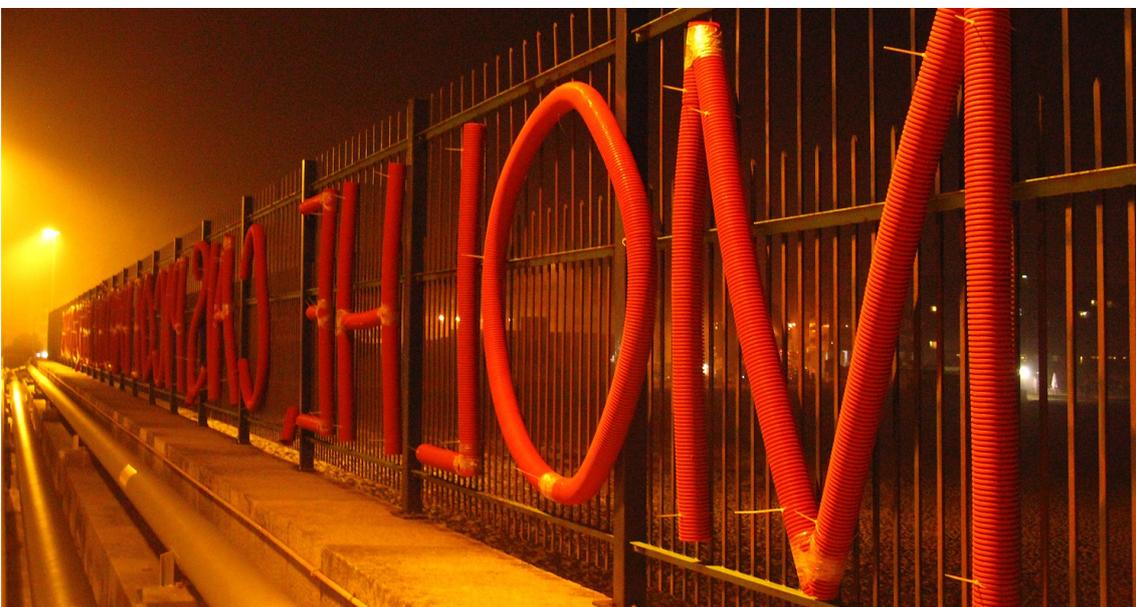


img.59: Ferramentas, Rui Loureiro, 2014, fotografia digital.

img.60: Grupo da frase 1, Rui Loureiro, 2014, fotografia digital.



img.63: Frase 1 aplicada, Rui Loureiro, 2014, fotografia digital.



img.64: Para além da frase 1, Rui Loureiro, 2014, fotografia digital.





img.65: Detalhe da frase 1, Rui Loureiro, 2014, fotografia digital.



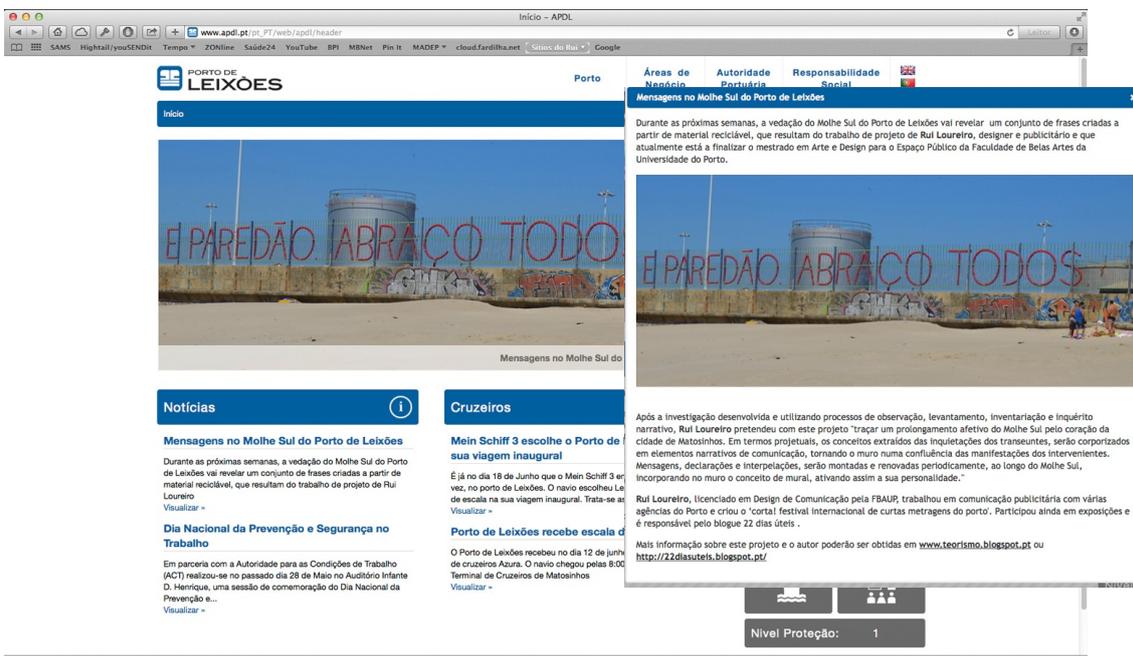
img.66: Detalhe da frase 1, Rui Loureiro, 2014, fotografia digital.



img.67: Frase 1, Rui Loureiro, 2014, fotografia digital.



img.68: Post do Facebook da APDL, 17 de junho de 2014, digitalização.



img.69: Website da APDL, consulta de 17 de junho de 2014, digitalização.



img.70: Frase 2, Rui Loureiro, 2014, fotografia digital.



img.71: Frase 3, Rui Loureiro, 2014, fotografia digital.



img.72: Frase 4, Rui Loureiro, 2014, fotografia digital.



img.73: Frase 5, Rui Loureiro, 2014, fotografia digital.



img.74: Frase 6, Rui Loureiro, 2014, fotografia digital.



img.75: Montagem, Rui Loureiro, 2014, fotografia digital.



img.76: Frase 7, Rui Loureiro, 2014, fotografia digital.



img.77: Frase 8, Rui Loureiro, 2014, fotografia digital.



img.78: Frase 9, Rui Loureiro, 2014, fotografia digital.

As horas passadas durante os vários dias de montagem do trabalho de projeto, em intensa comunhão com o Molhe Sul, tornaram ainda mais evidente a percepção de divisão criada por este muro. A costa toma, de cada lado do paredão, um envolvimento totalmente diferente, bem expresso na volumetria, nas texturas, nos significados, na topografia, nos cheiros e ruídos. No entanto, ao se deambular pelo Molhe, trajeto privilegiado pela sua cota alta, estas duas realidades bem diferentes tornam-se complementares, duas faces de uma mesma realidade que encontra neste separador o seu ponto de união. O olhar deixa de saltar de um lado para o outro e a visão periférica trata de compor o todo. Os próprios aforismos, montados em sentido inverso, para terem leitura da cidade e da praia, não deixam de ter uma dupla face de intriga e desafio à leitura, para quem passa neste outro lado.

Curiosamente, durante as várias semanas de montagem, o suceder regular das histórias tornou-se algo esperado pelos frequentadores do local, sendo questionado o seu propósito e significado por transeuntes de ambos os lados. O descodificar da frase que ia sendo construída, tornou-se uma espécie de jogo para alguns. As crianças, como seria de esperar, foram as mais interventivas, tanto no questionar constante como no pegar de alguns termos para atirar aos companheiros de brincadeiras e inventar lengalengas ocasionais. Por breves instantes, em cada instalação frásica, o Molhe Sul parecia lançar uma conversa, despoletar um olhar para além da barreira, criar uma ideia. Vinham à memória referências do trabalho de Lawrence Weiner, dos seus conceitos corporizadas através de momentos de linguagem, e a relação destes com o observador, destacando simbolicamente aqui, como exemplo, parte de um dos seus trabalhos, em *After All*:

"A DECISÃO SOBRE O CONDICIONAR CABE AO
RECETOR NO MOMENTO DA RECEÇÃO." (Weiner, 2001: 15)³⁹

Esta proposta de transformação do Molhe Sul num lugar *dialogante*, fomentador da sua própria identidade, pelo direcionar das histórias contadas, remete também para Pinheiro quando argumenta que "os artistas podem na verdade reinventar as funções dos lugares (que poderão mesmo não ser um lugar físico) e mapear movimentos e atravessamentos, fluidez e transferências, recorrências e analogias, episódios pitorescos e minudências, ou então blocos de estórias que fazem as histórias locais e, em última instância, a História, assim reinventando as funções da obra também." (Pinheiro, 2005: 72)⁴⁰.

³⁹ Weiner, Lawrence, *After All*, Ostfildern, Hatje Cantz, 2001. "THE DECISION AS TO CONDITION RESTS WITH THE RECEIVER UPON THE OCCASION OF RECEIVERSHIP" (tradução livre nossa, do original inglês)

⁴⁰ Pinheiro, Gabriela Vaz, "Curadoria do local - Algumas abordagens da prática e da crítica", in Pinheiro, Gabriela Vaz (ed.), *Curadoria do local*, Torres Vedras, Transforma AC, 2005, pp. 67-77.



img.79: Escorrega na Praia Nova ou do Titã, Rui Loureiro, 2014, fotografia digital.

4.0. pela autonomia do legado afetivo

4.1. sinalética de afetos

A exposição pública do trabalho de projeto *o muro como mural*, sendo resultante de um aturado processo de investigação, análise e interpretação concetual que tentou abarcar o maior número de possibilidades de eficácia da comunicação, foi também o momento em que este foi lançado para fora do alcance de uma eventual ilusão de controle. Semana após semana, o resultado do trabalho de campo foi devolvido à comunidade que o suscitou, na expectativa de que o seu impacto, fruição ou simples receção, despoletasse um esboço de sentimento, um reconhecimento, um preparar de terreno para uma ligação futura mais forte. Na impossibilidade prática de uma avaliação profunda e demorada de resultados mensuráveis deste trabalho, a análise evoluiu para o levantamento de novas inquietações relativamente ao futuro das relações imaginadas.

Que possibilidades de um legado afetivo? Qual a sua autonomia e permanência?

A partir do momento em que o trabalho *o muro como mural* foi desmontado e as interpelações deixaram de aparecer no Molhe Sul, questionou-se de imediato sobre a possibilidade de se ter criado mais um fio de ligação ao lugar; e, em caso afirmativo, deixada de ser produzida essa intenção recorrente de comunicar, qual a durabilidade desse fio, que força de tensão aguentaria? Durante quanto tempo?

Idealmente, e segundo as intenções das entidades gestoras do local, o Molhe Sul voltaria a ter acesso público parcial, a partir de finais de 2014, mas este tipo de cronogramas são extremamente difíceis de serem cumpridos, uma vez que dependem de inúmeros fatores, alguns deles pouco controláveis, como os económico-sociais, os meteorológicos e os construtivos.

Com este enquadramento geral, fica a possibilidade muito forte de ser criado um hiato temporal excessivo entre o final do projeto *o muro como mural* e o acesso ao lugar, possibilitando o fragmentar de alguma memória de ligação recente. No sentido de manter um diálogo constante e tentar encontrar caminhos de resposta às novas inquietações enunciadas, foi desenvolvida uma proposta teórica de elaboração de um novo projeto, a ser implementado no intervalo de tempo entre *o muro como mural* e fase de abertura ao

público da face privada do Molhe Sul. A este novo projeto futuro foi dado o nome de *sinalética de afetos*.

Pensado em função dos conceitos resultantes da investigação realizada e reutilizando/reforçando os aforismos definidos, este projecto pretendeu incluir no mapeamento urbano uma rede de orientações, placas direcionais, écrans digitais, sinais reais, baseada não em direções físicas mas em intuições, sentimentos e afetos. Integrando-se formal e estruturalmente na rede de informação urbana, tentou criar uma disrupção concetual pelos conceitos e código cromático próprio aí expressos. Cada nome que integra a sinalética, imaginado pela ideia que cada um expressou sobre o lugar (durante a fase de inquéritos narrativos), pretendeu criar uma direção afetiva ao local, mais rápida e duradoura, e independente da trama de ruas e caminhos necessários para lá chegar. Como indica Lippard, “Nomear é, com o mapeamento e a fotografia, a forma como representamos (e imaginamos) a história e identidade comuns.” (Lippard, 1997: 46)⁴¹. Criada essa ligação afetiva, parte da *viagem* está feita, restando apenas levar o corpo físico até ao local.

Este trabalho de projeto foi aqui apresentado numa versão não instalada, pós-produzida digitalmente sobre imagens de situações e locais reais da cidade de Matosinhos. Pela complexidade da sua produção e implementação, ao se integrar numa rede real de informação pedestre e rodoviária urbana, é um trabalho a ser apresentado e proposto como uma realização em parceria com a Câmara Municipal de Matosinhos, com a qual já se estabeleceram alguns contatos muito positivos.

A possibilidade da implementação futura deste projeto, complementar aos resultados esperados com a comunicação do anterior *o muro como mural*, espera-se que traga uma consolidação da rede afetiva entre os transeuntes e o Molhe Sul, assim como uma maior clarificação nas respostas às questões levantadas ao longo desta investigação, contribuindo para a produção de conhecimento neste campo. Dar ao Molhe Sul uma personalidade cada vez mais próxima, que reative as relações de partilha com os cidadãos e visitantes, de forma a que estes o desenhem nos seus mapas pessoais da cidade. Como salienta Barros, “importa enriquecer os percursos pedonais. No caso, considera-se que a deriva pode constituir um factor de diversificação dos percursos, sendo um factor de enriquecimento, proporcionando a descoberta ou até, a redescoberta da cidade, e daí entender-se que a sua utilização pode constituir um factor de enriquecimento da experiência. Deve ter-se em conta, como sublinhavam os situacionistas, que a deriva não é apenas constituída por partes aleatórias, observando-se a existência de correntes constantes, de pontos fixos, entre outros. Tratando-se do caso de moradores constata-se que, para além das representações

⁴¹ “Naming is, with mapping and photography, the way we image (and imagine) communal history and identity.” (tradução livre nossa, do original inglês)

simbólicas do bairro que habitam (tal como os habitantes dos outros bairros sobre o mesmo), cada indivíduo tem tendência a construir um quadro geográfico, ou melhor, psicogeográfico, extremamente restrito, correspondente ao traçado dos percursos efectuados pelos mesmos (cf. Sombard de Lauwe, 1953).” (Barros, 2010: 150).

Numa primeira fase foram selecionados alguns locais da cidade onde a presença de sinalética informativa e rodoviária fosse determinante e envolvente à zona de acesso ao Molhe Sul. Feito o levantamento fotográfico desses locais, foram reavaliadas todas as informações retiradas dos inquéritos narrativos à população no sentido de as enquadrar neste novo formato e adequar cada conceito ao tipo de suporte de comunicação, sem esquecer as suas necessidades específicas assim como as características de leitura clara e imediata. Foi também definido um código cromático, divergente dos estabelecidos, mas em sintonia com o conceito de *afetos* a transmitir. Finalmente foi feita a pós-produção digital de todos estes elementos, apresentados em seguida, no sentido de conferir uma visão o mais aproximada possível da realidade futura da implantação do projeto e dos seus elementos vários.

“O ambiente urbano é um meio de comunicação que exhibe símbolos explícitos e implícitos: bandeiras, relvados, cruces, sinais, janelas panorâmicas, telhados cor de laranja, pináculos, colunas, portões, cercas rústicas. (...) Este é um componente do sentido a que podemos chamar legibilidade: o grau em que os habitantes de um aglomerado populacional conseguem comunicar bem uns com os outros através das suas características físicas simbólicas.” (Lynch, 1999: 134-135).

Sinalética rodoviária urbana



img.8o: Sinalética de afetos, Rui Loureiro, 2014, pós-produção digital.



img.81/82: Sinalética de afetos, Rui Loureiro, 2014, pós-produção digital.



img.83/84: Sinalética de afetos, Rui Loureiro, 2014, pós-produção digital.



img.85/86: Sinalética de afetos, Rui Loureiro, 2014, pós-produção digital.



img.87/88: Sinalética de afetos, Rui Loureiro, 2014, pós-produção digital.



img.89/90: Sinalética de afetos, Rui Loureiro, 2014, pós-produção digital.

Quadros eletrônicos da Ponte Móvel de Leixões



img.91/92: Sinalética de afetos, Rui Loureiro, 2014, pós-produção digital.

Temas:

Sentido Molhe, Cais, Pico ou Paredão.

Para o caminho do passeio alegre, 44.

Para se descer a lingueta, ensopados em felicidade.

O Titã vai acordar, com uma fome de pedra.

Ao fundo, o paredão dá-nos um areal imenso.

Todos ao Molhe.

Para o dia de amanhã, tudo isto é pequeno.

Quadro informativo da Câmara Municipal de Matosinhos



img.93/94: Sinalética de afetos, Rui Loureiro, 2014, pós-produção digital.

Temas:

Rasgo o mar, para unir a terra.

Caminho do Passeio Alegre, 44.

Descer a lingueta, ensopados em felicidade.

Fui cosido ao mar, a fio de pesca.

Já sinto uns cardumes nas pedras.

Dou-vos este areal imenso.

Todos ao Molhe.

Para o dia de amanhã, tudo isto é pequeno.

Placa de informação turística da Praia Nova (ou do Titã)



img.95: Sinalética de afetos, Rui Loureiro, 2014, pós-produção digital.

Texto:

O despertar do Titã.

Awakening of the Titan.

O Titã, ex-libris da cidade de Matosinhos e peça de referência da arqueologia industrial, é o guindaste a vapor do séc. XIX que construiu o Molhe Sul do Porto de Leixões, de 1884 a 1892, tendo sido desmantelado em 2013 para obras de reabilitação. O Molhe Sul, um muro no fim da cidade de Matosinhos, é presença de pedra anterior à própria cidade. Quebrou o mar para unir a terra, e desse modo acelerou a cidade. Uma cidade que cresceu até ele. Por causa dele. O Titã hiberna. Mas irá acordar em breve para retomar o seu lugar de construtor de caminhos.

The Titan, landmark of the city of Matosinhos and a reference piece of industrial archeology, is the steam crane from the nineteenth century that built the South Pier of the Port of Leixões, from 1884 to 1892, been dismantled in 2013 for rehabilitation works. The South Pier, a wall at the end of Matosinhos city, is a stone presence previous to the city itself. It broke the sea to unify the land, and thus boosted the city. A city that grew towards it. Because of it. The Titan hibernates. But it will wake up soon to resume its place as a builder of paths.

4.2. um lugar em observação paciente

No decorrer desta investigação o Molhe Sul foi-se revelando e cruzando um sortido de faces, camadas e dimensões indicador de uma grande riqueza de possibilidades de contacto com as correntes vivas da envolvente urbana. O seu enquadramento físico num contexto de mapeamento da cidade - sendo indubitavelmente um quebra-mar - deixou em aberto a capacidade de assumir outros papéis, como o de rua ou praça, pelo acumular da multiplicidade de funções de interação com as pessoas que o poderão vir a percorrer. Poderá ser uma rua, pelo seu fluir de continuidade com os trajetos que vêm do centro da cidade e como prolongamento natural do passeio marítimo (com o atrativo de acrescentar um toque de aventura e emoção ao usual deambular pela urbe, ao se aventurar pelo *desconhecido*, mar adentro, enquanto mantêm a sensação de segurança da vida citadina); ou poderá ser uma praça, sendo um ponto de confluência de vias, um lugar de se *estar*, em contemplação, em conversas de grupo ou como ponto de encontro. Poderá ainda dar a sensação de se poder caminhar sobre um monumento ou memorial, sobre os alicerces que suportaram o próprio crescimento da cidade.

Ao levantamento e análise dos *pontos de toque* descobertos no decorrer da investigação, foram-se juntando observações de campo curiosas, de comportamentos indicativos da sua capacidade de agregação de gente: apesar da sua presença estabelecida como muro protetor de ventos e marés, com a conseqüente contrapartida de fecho do horizonte visual e acesso físico, ainda há muitos que se intrigam, trepando o muro para espreitar o outro lado, para se empoleirar nele numa atitude desafiadora/conquistadora ou até para, contra todas as proibições, percorrê-lo mar adentro usando-o como trampolim para mergulhos destemidos; do outro lado, do lado privado e de circulação dos trabalhos do porto, há regularmente quem pare e suba o muro, numa pausa roubada ao período laboral, para espreitar a cidade e a praia, num sentimento libertador e de fuga ao quotidiano, ficando longos momentos em contemplação do espaço imenso oferecido por este lugar.

Mas será que a existência longa deste Molhe, anterior à cidade que agora o cerca, o torna aparentemente invisível ao transeunte, um dado adquirido na volumetria urbana, ou a sua permanência e estabilidade conferiu-lhe um tal sentimento de familiaridade e conforto que a sua presença é aceite tacitamente como positiva e reconfortante? Segundo Tuan "A permanência é um elemento importante na idéia de lugar." (Tuan, 1981: 140)⁴². A eventual modulação da intensidade desses sentimentos, entre a indiferença e a proximidade emocional, não determina totalmente, porém, a evidência da sua presença, pois como Tuan

⁴² "Permanence is an important element in the idea of place." (tradução livre nossa, do original inglês)

afirma também, “Talvez qualquer característica notória na paisagem crie seu próprio mundo, que se pode expandir ou contrair com as preocupações passageiras das pessoas, mas que não perde completamente a sua identidade.” (Tuan, 1981: 163)⁴³. No entanto, a identidade de um lugar, ou mesmo, envolvendo esse conceito numa capacidade de conferir ao lugar determinadas características capazes de despertar sentimentos em quem com ele cria uma certa familiaridade, a *personificação* de um lugar, a sua capacidade de despertar uma relação de afetos e cumplicidade, está intimamente ligada ao que cada um experimenta e projeta nele, tornando-o num lugar *certo*, como sugere Kwon: “Muitas vezes somos confortados pela ideia de que um lugar é nosso, que pertencemos a ele, até mesmo que vimos dele, e portanto estamos ligados a ele de alguma forma fundamental. Tais lugares (lugares “certos”?) são pensados para reafirmar o nosso sentido próprio, refletindo de volta uma imagem não ameaçadora de uma identidade estável. Este tipo de relação contínua entre um lugar e uma pessoa é o que muitos críticos declaram estar perdida, e ser necessária, na sociedade contemporânea.” (Kwon, 2002: 163)⁴⁴.

A intenção dos trabalhos de projeto *o muro como mural* e *sinalética de afetos* pretendeu exatamente sugerir e testar caminhos no sentido de reatar as relações fragilizadas com o lugar, na tentativa de lhe restabelecer uma posição viva e dialogante em pleno espaço público da cidade. Pretendeu, acima de tudo, investigar e questionar o estado da relação entre o lugar e os elementos participantes da comunidade, como ponto de partida para um universo mais amplo de inquietações sobre o lugar, o seu potencial de se *personificar* e *relacionar* com as pessoas e o sentimento destas por ele. São projetos que deverão ter continuidade, monitorização e avaliação, prolongando-se para além do tempo de elaboração desta dissertação, para se irem adaptando aos programas institucionais definidos para o local pelas entidades responsáveis. É uma *observação paciente*, e que, por isso, proporciona uma maior possibilidade de reflexão e formulação de novos caminhos e projetos de investigação sobre as questões que se irão levantando.

O trabalho de campo pretendeu ser sempre interventivo, dentro das características particulares de abrangência e meios disponíveis de investigação num projeto de mestrado, com a intenção de, para além do processo de estudo em si, constituir-se o mais possível como um veículo de comunicação próximo do seu meio, integrando-se e referenciando-se

⁴³ “Perhaps any large feature in the landscape creates its own world, which may expand or contract with the passing concerns of the people, but which does not completely lose its identity.” (tradução livre nossa, do original inglês)

⁴⁴ “Often we are comforted by the thought that a place is ours, that we belong to it, even come from it, and therefore are tied to it in some fundamental way. Such places (“right” places?) are thought to reaffirm our sense of self, reflecting back to us an unthreatening picture of a grounded identity. This kind of continuous relationship between a place and a person is what many critics declare to be lost, and needed, in contemporary society.” (tradução livre nossa, do original inglês)

nos códigos da comunidade onde se insere, de modo a que o seu impacto seja o mais eficaz, em termos de abertura de possibilidades e análise futura, e o menos intrusivo face à sua envolvente urbana. Como referencia o coletivo raumlaborberlin “No processo do fazer, aprendemos mais sobre o local de investigação através do design ativo e encontramos novos métodos abertos à apropriação que atualizam os existentes. Nós não resolvemos os problemas; nós iniciamos os processos que dão aos atores a oportunidade de conhecer, compreender e usar a cidade e a sua dinâmica, assim como as suas possibilidades.”(raumlaborberlin, 2014: site)⁴⁵

No período de investigação que recorreu aos inquéritos narrativos, foram ouvidas algumas das vozes da comunidade que expressaram as suas inquietações relativas ao local. Posteriormente, no retorno da informação recolhida, apresentado como aforismos nos trabalhos de projeto, o universo de receção tornou-se bastante mais dilatado, estendendo-se praticamente a toda a comunidade assim como aos visitantes ocasionais. Isto dificultou o processo de avaliação, por um lado, mas criou uma maior abrangência - logo, mais caminhos possíveis - nas questões levantadas. Ao serem proclamadas publicamente, como terão sido reconhecidas, em termos individuais, as afirmações de *o muro como mural?* Como tocaram o sentimento de cada um? A voz do lugar foi *ouvida* como sendo dele (transmitiu veracidade?) ou foi desde logo percebida como algo exterior? Este período de maior afluência, em parte por comunidades exteriores sem grande relação com o lugar, potenciou a receção das mensagens ou diluiu o seu impacto?

Tentar perceber melhor o modo como este projeto foi recebido pela comunidade possibilitará uma melhor capacidade crítica na elaboração de futuras ações no espaço público. Mas qualquer que seja essa perceção, contar com o envolvimento da comunidade, nem que seja pelo ouvir e interpretar das suas inquietações, será sempre um passo essencial em qualquer intervenção relativa ao lugar. Miles refere, relativamente aos processos participativos, que “Os artistas, simultaneamente, estão a trabalhar fora das convenções da arte pública para questionar conceitos dominantes da cidade e envolver as pessoas em narrativas locais e políticas pessoais, criando um ambiente de crítica social. (...) Se pode haver arte de interesse público, então talvez, através de tais abordagens participativas ao

⁴⁵ raumlabor berlin, <http://www.raumlabor.net>, [consultado em jan/2014]. “In the process of doing, we learn more through active design about the site of investigation and find new methods that are open to appropriation and upgrades the existing. We do not solve problems, rather we initiate processes that give actors the opportunity to know, understand and use the city and its dynamics, as well as its possibilities.” (tradução livre nossa, do original inglês)

planeamento urbano e design, possa haver também desenvolvimento.” (Miles, 1997: 113-114)⁴⁶.

A considerar também será a continuação do envolvimento das entidades gestoras do local, como a APDL, Administração dos Portos do Douro e Leixões e a própria Câmara Municipal de Matosinhos, no estabelecer das parcerias necessárias à implementação dos projetos que visam sobretudo expandir a vivência da cidade pelos seus participantes. Não menos importante, ao serem consideradas as colaborações com as entidades institucionais da cidade, é o interesse pelo desenvolvimento económico que poderá resultar destes projetos locais.

A monitorização do desenrolar deste *processo afetivo* deverá ter uma atenção especial no momento - que se espera acontecer o mais breve possível - em que o Molhe Sul se abrir de novo ao afluir do público, depois do intervalo de longos anos de privacidade. Aí será importante testemunhar e questionar os encontros, reencontros e retratações no local, recolher e analisar a informação possível, e assim tentar reforçar a produção de conhecimento sobre o tema em investigação.

É certo que a mistura de sentimentos e intenções, nesse momento de partilha, será quase tão vasta como a experiência de cada um, e que a vontade de percorrer este lugar, de novo (ou não), será impulsiva, até pelo seu caráter lúdico e naturalmente tentador do espírito curioso. Para satisfazer uma mera curiosidade turística, este *abrir de portas* seria, talvez, o suficiente para que o local fosse atravessado.

O interessante aqui - e é também a intenção dos trabalhos de projeto propostos - será conseguir que a intenção de fruir este espaço esteja tocada por um sentimento de afeto, afeto esse despertado numa memória mais ou menos recente. Caminhar sobre este *relógio de pedra* da cidade deverá pressupor uma tomada de consciência relativamente a um lugar mítico - construído sobre o mar por um Titã gigante - ao mesmo tempo que esse futuro desfilar de pessoas por este cronograma da história de Matosinhos lhe irá conferir uma continuidade temporal como atual contador dos passos da evolução da cidade e da própria comunidade.

Assim como o Titã, construtor de lendas, vai despertar em breve, os cidadãos da urbe são convocados a despertar a sua vocação de construtores da memória futura da cidade e, aproveitando a nortada, a insuflar o coração da cidade com o seu afeto por este lugar.

⁴⁶ Miles, Malcolm, *Art, space and the city*, London, Taylor & Francis Ltd, 1997. “Artists, at the same time, are working outside the conventions of public art to question dominant concepts of the city and engage people in local narratives and personal politics, creating an ambience of social criticism. (...) If there can be art in the public interest, so perhaps, through such participatory approaches to urban planning and design, there can be development in it also.” (tradução livre nossa, do original inglês)

anexo: exposição *here > elsewhere*



img.96: Folha de sala da exposição *here>elsewhere*, 2014, digitalização.

“Here>ElseWhere expõe um conjunto de abordagens e pesquisas de 5 mestrados, realizadas entre 2012 e 2014, no âmbito do Mestrado de Arte e Design para o Espaço Público, Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto.

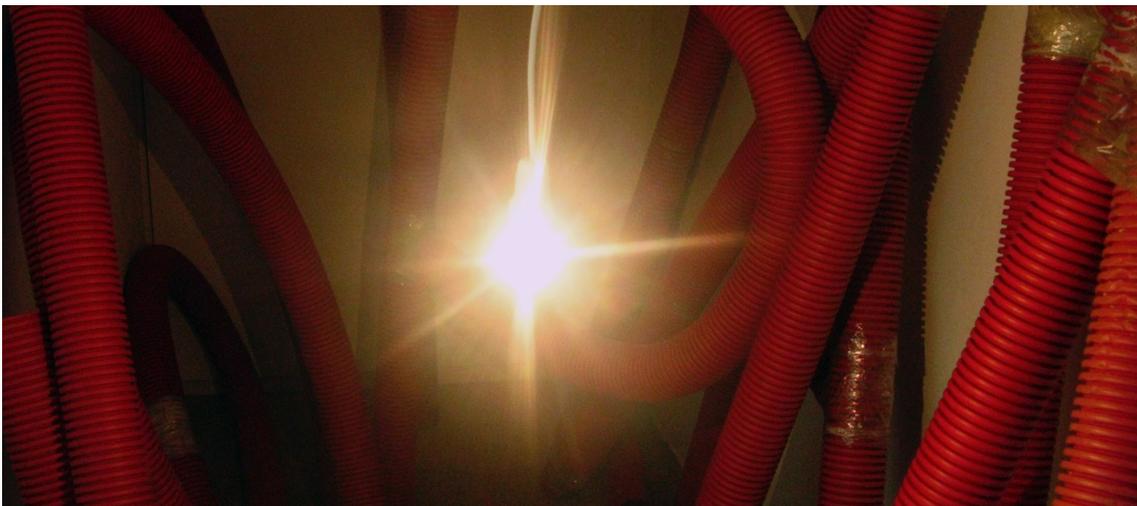
A exploração de diferentes modos de produção espacial produziu uma reflexão crítica que gravita entre o registo e o projecto; entre o corpo e o objecto; entre o contexto e a acção, e que nos obriga, uma vez mais, a afastar dos modos convencionais de olhar e de analisar o espaço urbano. É esse olhar, de espírito crítico e experimental, que ganha aqui uma dimensão expositiva: fragmentos de processos, testes, validações, resultados. Assim, mais do que uma contribuição para uma possível formalização final no âmbito do seu Trabalho de Projecto, estas abordagens reforçam a ideia de uma operação em aberto, flexível e em constante mutação, onde a ideia de “projecto” se dilui num conjunto de acções regulares sobre o espaço em estudo – entre estratégias e oportunidades; com os inevitáveis avanços e recuos – mas sempre com a mesma vontade e finalidade de produzir mais conhecimento sobre cada troço de território.

Encontram-se representados trabalhos desenvolvidos por Filipa Viana, Joana Gerardo Rey, Liliana Almeida, Orlando Francisco e Rui Loureiro, que, a partir de contextos académicos diferentes (pintura, arquitectura paisagista, design de interiores, engenharia civil e design gráfico), questionaram as suas próprias fronteiras disciplinares e respectivos âmbitos de acção.” (Costa, 2014: 2)⁴⁷

⁴⁷ Costa, Miguel, folha de sala da exposição here>elsewhere, FBAUP, 2014.



img.97: Gradeamento, Rui Loureiro, fotografia digital, papel fotográfico, 200x70cm, 2014.



img.98 Arrecadação, Rui Loureiro, tubo corrugado de 11cm, 180cm de altura, 2014.



img.99: Cantinho dos amigos, Gradeamento provisório, Molhe Sul, Aquecimento local, Abraço, Apontamento de pormenor, Rui Loureiro, fotografia digital, papel fotográfico, 21x29,7cm, 2014.



img.100: Percebes na Praia Nova ou do Titã, Rui Loureiro, 2014, fotografia digital.

índice de imagens

- capa.....img: Apontamento de um pormenor do Molhe Sul, Rui Loureiro, 2014, fotografia digital.
- verso da capa.....img: Areia molhada na Praia Nova, Rui Loureiro, 2013, fotografia digital.
- 02.....img.1: O cantinho dos amigos da Praia Nova no Molhe Sul, Rui Loureiro, 2014, fotografia digital.
- 04.....img.2: Gancho de bóia na Praia Nova, Rui Loureiro, 2014, fotografia digital.
- 08.....img.3: Mexilhões no Molhe Sul, Rui Loureiro, 2014, fotografia digital.
- 10.....img.4: Cadeira vazia, Rui Loureiro, 2014, fotografia digital.
- 12.....img.5: Vista do Titã desmantelado, Rui Loureiro, 2013, fotografia digital.
- 13.....img.6: Molhe Sul a dividir o lado público do lado privado, Rui Loureiro, 2014, fotografia digital.
- 14.....img.7: O modelo metodológico (...)
- 15.....img.8: Porto de Leixões. (...)
- 16.....img.9: Construção do Porto de Leixões (1884-1892). (...)
- 17.....img.10: Google Earth, image © 2014 DigitalGlobe, pós-produzida em 2014.
- 18.....img.11: Detalhe da escultura *Monumento ao Pescador* de José João Brito, Rui Loureiro, 2013, fotografia digital.
- 19.....img.12: Gradeamento provisório, Rui Loureiro, 2014, fotografia digital.
- 20.....img.13: Cabides para roupa no Molhe Sul, Rui Loureiro, 2014, fotografia digital.
- 21.....img.14: Pinturas na face pública do Molhe Sul, Rui Loureiro, 2013, fotografia digital.
- 23.....img.15: Jogo de cartas ao abrigo do Molhe Sul, Rui Loureiro, 2014, fotografia digital.
- 24.....img.16/17: Quadros no Molhe Sul, Rui Loureiro, 2013, fotografia digital.
- 25.....img.18/19/20: Três secções do Molhe Sul, Rui Loureiro, 2014, fotografia digital.
- 26.....img.21: Conversa ao sol, Rui Loureiro, 2014, fotografia digital.
- 27.....img.22: Insuflável, Rui Loureiro, 2012, fotografia digital.
- 30.....img.23: Sorriso, Rui Loureiro, 2014, fotografia digital.
- 31.....img.24: Site Oficial do Turismo da Coreia, Vista noturna da Ponte Mapo, Seul, Coreia do Sul, s/d.
- 32.....img.25/26: The Inspiration Room (site), Samsung Bridge of Life, 2013.
- 34.....img.27: The Inspiration Room (site), Samsung Bridge of Life, 2013.
- 37.....img.28: Moradores junto ao posto de turismo do Molhe Sul, Rui Loureiro, 2013, fotografia digital.
- 37.....img.29: Pessoas e gaiotas na Praia Nova ou do Titã, Rui Loureiro, 2013, fotografia digital.
- 38.....img.30: Esplanada do Titã junto, ao Molhe Sul, Rui Loureiro, 2014, fotografia digital.
- 39.....img.31: Jogo de cartas no cantinho dos amigos da Praia Nova, Molhe Sul, Rui Loureiro, 2014, fotografia digital.
- 40.....img.32: Navio de cruzeiro ancorado no Molhe Sul, Rui Loureiro, 2014, fotografia digital.
- 42.....img.33: Estrela do mar no Molhe Sul, Rui Loureiro, 2014, fotografia digital.
- 46.....img.34: Secção do Molhe Sul, Rui Loureiro, 2014, fotografia digital.
- 47.....img.35: Arame na praia, Rui Loureiro, 2014, fotografia digital.
- 48.....img.36: Praia Nova ou do Titã, Rui Loureiro, 2014, fotografia digital.
- 51.....img.37: Secção do Molhe Sul, Rui Loureiro, 2013, fotografia digital.
- 53.....img.38: Pintura na fachada de Alcântara - Magnética Magazine, Rui Loureiro, fotografia digital, Lisboa, 2011.
- 54.....img.39: Exposição 22 dias úteis – episódio 2, Rui Loureiro, fotogramas do filme, Porto, 2012.
- 54.....img.40: Exposição 22 dias úteis – episódio 3, Rui Loureiro, fotogramas do filme, Porto, 2012.
- 55.....img.41: Exposição 22 dias úteis – episódio 3, Rui Loureiro, fotogramas do filme, Porto, 2012.
- 57.....img.42: Alerta laranja, Rui Loureiro, 2014, fotografia digital.
- 59.....img.43: Cavalinho, Rui Loureiro, 2014, fotografia digital.
- 59.....img.44: Esplanada do Titã, Rui Loureiro, 2014, fotografia digital.
- 59.....img.45: Serviços balneares, Rui Loureiro, 2014, fotografia digital.
- 60.....img.46: Bastião, Rui Loureiro, 2014, fotografia digital.
- 60.....img.47: Esplanada, Rui Loureiro, 2014, fotografia digital.
- 61.....img.48: Dunas personalizadas, Rui Loureiro, 2014, fotografia digital.

61.....img.49: Parque infantil, Rui Loureiro, 2014, fotografia digital.

61.....img.50: Esplanada, Rui Loureiro, 2014, fotografia digital.

62.....img.51: Escavadora, Rui Loureiro, 2014, fotografia digital.

62.....img.52: Marcas no areal, Rui Loureiro, 2014, fotografia digital.

62.....img.53: Cruz popular, Rui Loureiro, 2014, fotografia digital.

63.....img.54: Obras, Rui Loureiro, 2014, fotografia digital.

63.....img.55: Chuva de areia, Rui Loureiro, 2014, fotografia digital.

63.....img.56: Esculturas, Rui Loureiro, 2014, fotografia digital.

64.....img.57: Tubo corrugado, Rui Loureiro, 2014, fotografia digital.

65.....img.58: Montagem de uma letra, Rui Loureiro, 2014, fotografia digital.

65.....img.59: Ferramentas, Rui Loureiro, 2014, fotografia digital.

65.....img.60: Grupo da frase 1, Rui Loureiro, 2014, fotografia digital.

66.....img.61: Cálculos, Rui Loureiro, 2014, digitalização.

67.....img.62: Frase 1 alinhada, Rui Loureiro, 2014, fotografia digital.

67.....img.63: Frase 1 aplicada, Rui Loureiro, 2014, fotografia digital.

67.....img.64: Para além da frase 1, Rui Loureiro, 2014, fotografia digital.

68.....img.65: Detalhe da frase 1, Rui Loureiro, 2014, fotografia digital.

68.....img.66: Detalhe da frase 1, Rui Loureiro, 2014, fotografia digital.

68.....img.67: Frase 1, Rui Loureiro, 2014, fotografia digital.

69.....img.69: Website da APDL, consulta de 17 de junho de 2014, digitalização.

70.....img.70: Frase 2, Rui Loureiro, 2014, fotografia digital.

70.....img.71: Frase 3, Rui Loureiro, 2014, fotografia digital.

70.....img.72: Frase 4, Rui Loureiro, 2014, fotografia digital.

71.....img.73: Frase 5, Rui Loureiro, 2014, fotografia digital.

71.....img.74: Frase 6, Rui Loureiro, 2014, fotografia digital.

71.....img.75: Montagem, Rui Loureiro, 2014, fotografia digital.

72.....img.76: Frase 7, Rui Loureiro, 2014, fotografia digital.

72.....img.77: Frase 8, Rui Loureiro, 2014, fotografia digital.

72.....img.78: Frase 9, Rui Loureiro, 2014, fotografia digital.

74.....img.79: Escorrega na Praia Nova ou do Titã, Rui Loureiro, 2014, fotografia digital.

77.....img.80: Sinalética de afetos, Rui Loureiro, 2014, pós-produção digital.

78.....img.81/82: Sinalética de afetos, Rui Loureiro, 2014, pós-produção digital.

78.....img.83/84: Sinalética de afetos, Rui Loureiro, 2014, pós-produção digital.

79.....img.85/86: Sinalética de afetos, Rui Loureiro, 2014, pós-produção digital.

79.....img.87/88: Sinalética de afetos, Rui Loureiro, 2014, pós-produção digital.

80.....img.89/90: Sinalética de afetos, Rui Loureiro, 2014, pós-produção digital.

81.....img.91/92: Sinalética de afetos, Rui Loureiro, 2014, pós-produção digital.

82.....img.93/94: Sinalética de afetos, Rui Loureiro, 2014, pós-produção digital.

83.....img.95: Sinalética de afetos, Rui Loureiro, 2014, pós-produção digital.

89.....img.96: Folha de sala da exposição here>elsewhere, 2014, digitalização.

91.....img.97: Gradeamento, Rui Loureiro, fotografia digital, papel fotográfico, 200x70cm, 2014.

91.....img.98: Arrecadação, Rui Loureiro, tubo corrugado de 11cm, 180cm de altura, 2014.

91.....img.99: Cantinho dos amigos, Gradeamento provisório, Molhe Sul, Aquecimento local, Abraço, Apontamento de pormenor, Rui Loureiro, fotografia digital, papel fotográfico, 21x29,7cm, 2014.

92.....img.100: Percebes na Praia Nova ou do Titã, Rui Loureiro, 2014, fotografia digital.

96.....img.101: Galhos na Praia Nova ou do Titã, Rui Loureiro, 2014, fotografia digital.

contracapa.....img: Apontamento de um pormenor do Molhe Sul, Rui Loureiro, 2014, fotografia digital.



img.101: Galhos na Praia Nova ou do Titã, Rui Loureiro, 2014, fotografia digital.

bibliografia

Alvão, Domingos, Biel, Emílio, Cleto, Joel, Porto de Leixões, Porto, APDL, 1998.

Alvelos, Heitor (ed.), *Manobras no Porto*, Porto, PortoLazer, 2013.

Alves, Jorge Fernandes, Torres, José Lima, *Douro & Leixões*, Porto, ASA Editores II, 2002.

Andrade, Pedro de, Marques, Carlos Almeida, Barros, José da Cunha (ed.), *Arte Pública e Cidadania: Novas leituras da cidade criativa*, Casal de Cambra, Caleidoscópio, 2010.

Andrade, Vítor, *Onde Falham as Cidades*, Lisboa, Temas e Debates, Expresso e Autor, 2005.

Barbosa, Isabel Maria Lago, “Matosinhos e Leça: estâncias balneares e itinerários turísticos do Porto do fim do século XIX”, in *Arquivos Histórico-Culturais de Matosinhos*, Matosinhos, Fórum Matosinhense, 1996, pp. 23-35.

Baudrillard, Jean, *For a critique of the political economy of the sign*, New York, Telos Press, 1981.

Bell, Judith, *Como realizar um projeto de investigação*, Lisboa, Gradiva, [1997] 2010.

Borasi, Giovanna, “City 2.0”, in Zardini, Mirko, Borasi, Giovanna, *Actions - What you can do with the city*, Amsterdam, Sun Publishers, 2008, pp.20-25.

Calvino, Italo, *As Cidades Invisíveis*, Lisboa, Editorial Teorema, 1990.

Câmara Municipal de Matosinhos, NAPESMAT (ed.), *Uma Praia d’ela*, Matosinhos, Câmara Municipal de Matosinhos & NAPESMAT, 2006.

Careri, Francesco, *Walkscapes*, Barcelona, Gustavo Gili, 2008.

Clandinin, D. Jean, Huber, J., “Narrative inquiry” in McGaw, B., Baker, E., Peterson, P. P., (eds.), *International encyclopedia of education* (3rd ed.), New York, NY: Elsevier, (in press).

Cleto, Joel, *Senhor de Matosinhos - lenda, história, património*, Matosinhos, Câmara Municipal de Matosinhos & Associação para a Animação da Cidade de Matosinhos, 2007.

Cresswell, Tim, *Place: A Short Introduction*, Oxford, Blackwell Publishing Ltd, 2004.

Creswell, John W., *Qualitative Inquiry and Research Design*, London, Sage Publications, 2006.

Creswell, John W., *Research Design*, Thousand Oaks, SAGE Publications Inc, [1994] 2013.

Fischer, Ernst, *The Necessity of Art*, Great Britain, Penguin Books, [1963] 1971.

Galante, Domingos, "Lendas e tradições Matosinhenses", in *Arquivos Histórico-Culturais de Matosinhos*, Matosinhos, Fórum Matosinhense, 2000/2001, pp. 71-80.

Hall, Edward T., *A dimensão oculta*, Lisboa, Relógio d'Água, 1986.

Kwon, Miwon, *One Place After Another: site-specific art and locational identity*, Cambridge, The MIT Press, 2002.

Lynch, Kevin, *A boa forma da cidade*, Lisboa, Edições 70, 1999.

Lippard, Lucy, *The lure of the local: senses of place in a multicentered society*, New York, The New Press, 1997.

Martins, Oliveira, "O Titã de Leixões" in Martins, Oliveira, *A Província: Obras completas de Oliveira Martins*, Lisboa, Guimaráes Editores, [1885] 1958, pp. 414-418.

Miles, Malcolm, *Art, space and the city*, London, Taylor & Francis Ltd, 1997.

Miles, Malcolm (ed.), *Art for Public Places*, Winchester, Winchester School of Art Press, 1989.

Mitchell, W. J. Thomas, *Art and the Public Sphere*, Chicago, University of Chicago Press, 1992.

Pinheiro, Gabriela Vaz, *Curadoria do local*, Torres Vedras, Transforma AC, 2005.

Pinto, António Cerqueira, "Historia do Senhor de Matozinhos" in *Historia da Prodigiosa Imagem do Bom Jesus de Bouças*, Lisboa, Lisboa Occidental, 1737.

Sousa, Fernando de, Alves, Jorge Fernandes, *Leixões - Uma história portuária*, APDL, 2002.

Tato, José Fernandes, *A Maré*, Porto, edium editores & Câmara Municipal de Matosinhos, 2009.

Tuan, Yi-Fu, *Space and place: the perspective of experience*, Minneapolis, University of Minnesota Press, 1981.

Weiner, Lawrence, *After All*, Ostfildern, Hatje Cantz, 2001.

Zeisel, John, *Inquiry by Design*, New York, WW Norton & Co, 2006.

outras publicações

Acconci, Vito, *The Language of Public Space - interview by Karlyn De Jongh*, dART International, Toronto, 2011.

Acconci, Vito, "Public Space in a Private Time" in *Critical Inquiry*, vol.16, nº4, Chicago, The University of Chicago Press, 1990, pp. 900-918.

Administração dos Portos do Douro e Leixões (ed.), *folheto Terminal de Cruzeiros de Leixões*, Matosinhos, APDL, 2013.

Administração dos Portos do Douro e Leixões (ed.), *Relatório de Sustentabilidade*, Matosinhos, APDL, 2012.

Administração dos Portos do Douro e Leixões (ed.), revista *Titan*, nº 39, Matosinhos, APDL, 2009.

Borasi, Giovanna, "City 2.0", in Zardini, Mirko, Borasi, Giovanna, *Actions - What you can do with the city*, Amsterdam, Sun Publishers, 2008, pp.20-25

Connelly, F. Michael, Clandinin, D. Jean, "Stories of Experience and Narrative Inquiry" in *Educational Researcher*, Vol. 19, Nº 5, American Educational Research Association, 1990, pp. 2-14.

d.school, *Bootcamp Bootleg*, Stanford, d.school, 2010.

Frayling, Christopher, *Research in art and design*, London: Royal College of Art, 1993.

NAPESMAT (ed.), *Maré* nº 73, Matosinhos, NAPESMAT, 2010.

NAPESMAT (ed.), *Maré* nº 96, Matosinhos, NAPESMAT, 2012.

Salgado, José, "Alguns aspectos da evolução urbana de Matosinhos" in *Boletim da Biblioteca Pública Municipal de Matosinhos*, Nº 30, Matosinhos, Câmara Municipal de Matosinhos, 1986.

Sezões, Luis, *Objetos urbanos não utilizados*, dissertação de mestrado em Arte e Design para o Espaço Público, Porto, Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, 2009.

Written Art Foundation, Palazzo Bembo (Biennale di Venezia), *Lawrence Weiner, the Grace of a Gesture* (catálogo), Alemanha, Deutsche Nationalbibliothek, 2013.

Zardini, Mirko, "A New Urban Takeover", *in* Zardini, Mirko, Borasi, Giovanna, *Actions - What you can do with the city*, Amsterdam, Sun Publishers, 2008, pp.12-17.

referências online

22 dias úteis, Rui Loureiro, www.22diasuteis.blogspot.pt, post de 20/03/2014.

Binder, David, *A revolução dos festivais de artes*, TED Talk, http://www.ted.com/talks/david_binder_the_arts_festival_revolution.html, filmado em 2012 [consultado em jan/2013].

Cheil Worldwide Korea, http://www.cheil.com/web/?sub=Work&detail=2&pg=Portfolio_view&no=86&, [consultado em nov/2013].

Echelman, Janet, *Levando a imaginação muito a sério*, TED Talk, http://www.ted.com/talks/janet_echelman.html, filmado em 2011 [consultado em dez/2013].

EXYZT, <http://www.exyzt.org>, [consultado em dez/2013].

Frayling, Christopher, *Investigação nas artes e no design*, http://www.cvtv.pt/imagens/index.asp?id_tag=134&id_video=981, filmado em 2010 na conferência Investigação nas Artes e no Design no Ciência 2010 [consultado em dez/2013].

House, Brian, http://brianhouse.net/works/yellow_arrow/, [consultado em jan/2014].

Nold, Christian (ed.), *Emotional Cartography - Technologies of the self*, www.emotionalcartography.net, [consultado em jan/2014].

Official Site of Korea Tourism, http://english.visitkorea.or.kr/enu/SI/SI_EN_3_1_1_1.jsp?cid=1256219, [consultado em nov/2013].

Project for Public Spaces, <http://www.pps.org>, [consultado em jun/2014].

raumlabor berlin, <http://www.raumlabor.net>, [consultado em jan/2014].

Rimini Protokoll, <http://www.rimini-protokoll.de/website/de/>, [consultado em dez/2013].

Samsung Life Insurance, *The Bridge of life*, YouTube, <http://www.youtube.com/watch?v=cDsVOXTQAIs>, filme colocado online em 2013 [consultado em nov/2013].

Tait, Christopher, *Bridging to Life*, the 2x2 project, <http://the2x2project.org/bridging-to-life/>, 2013 [consultado em nov/2013].

The Huffington Post, http://www.huffingtonpost.com/2012/10/03/south-korea-suicides-mapo-bridge-uplifting-signs_n_1934889.html, 2012 [consultado em nov/2013].

The Inspiration Room, <http://theinspirationroom.com/daily/2013/samsung-bridge-of-life/>, 2013 [consultado em nov/2013].

The official Web site of the High Line and Friends of the High Line, <http://www.thehighline.org>, [consultado em jan/2014].

img.contracapa: Apontamento de um pormenor do Molhe Sul, Rui Loureiro, 2014, fotografia digital.

